

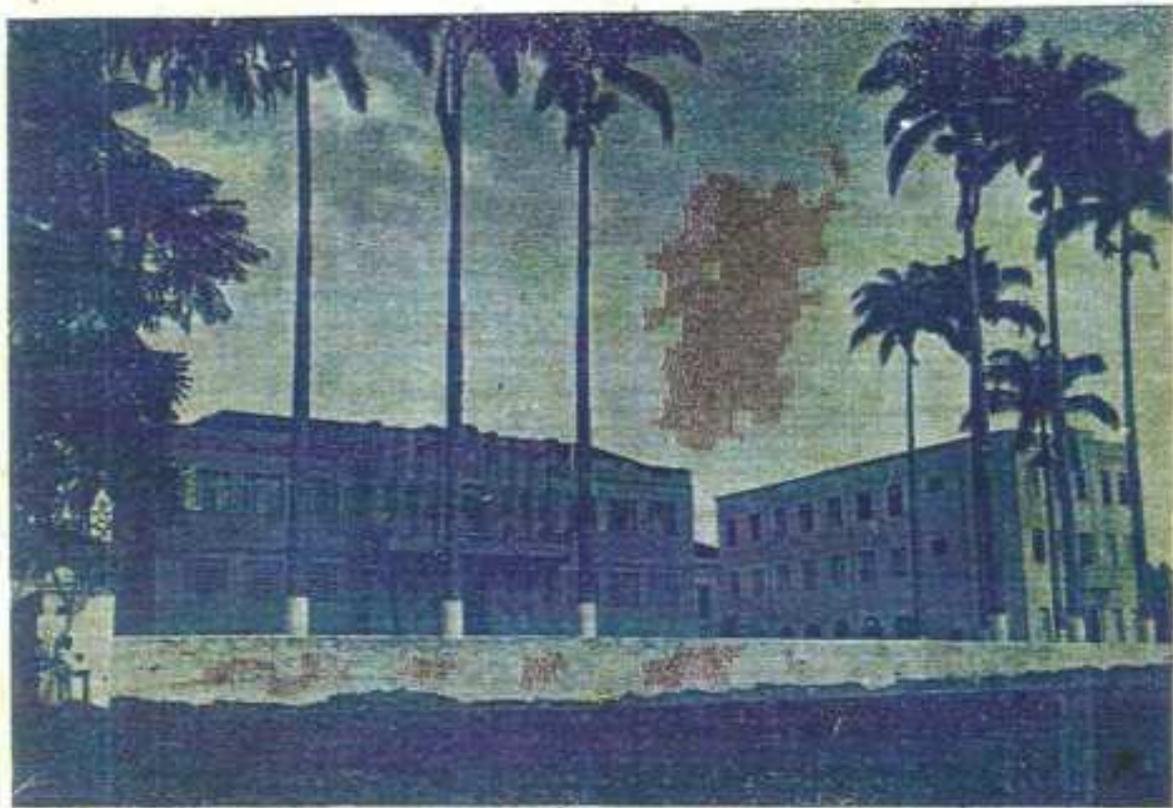
CULTURA

NÚMERO ESPECIAL

1927

1952

JUBILEU DE PRATA

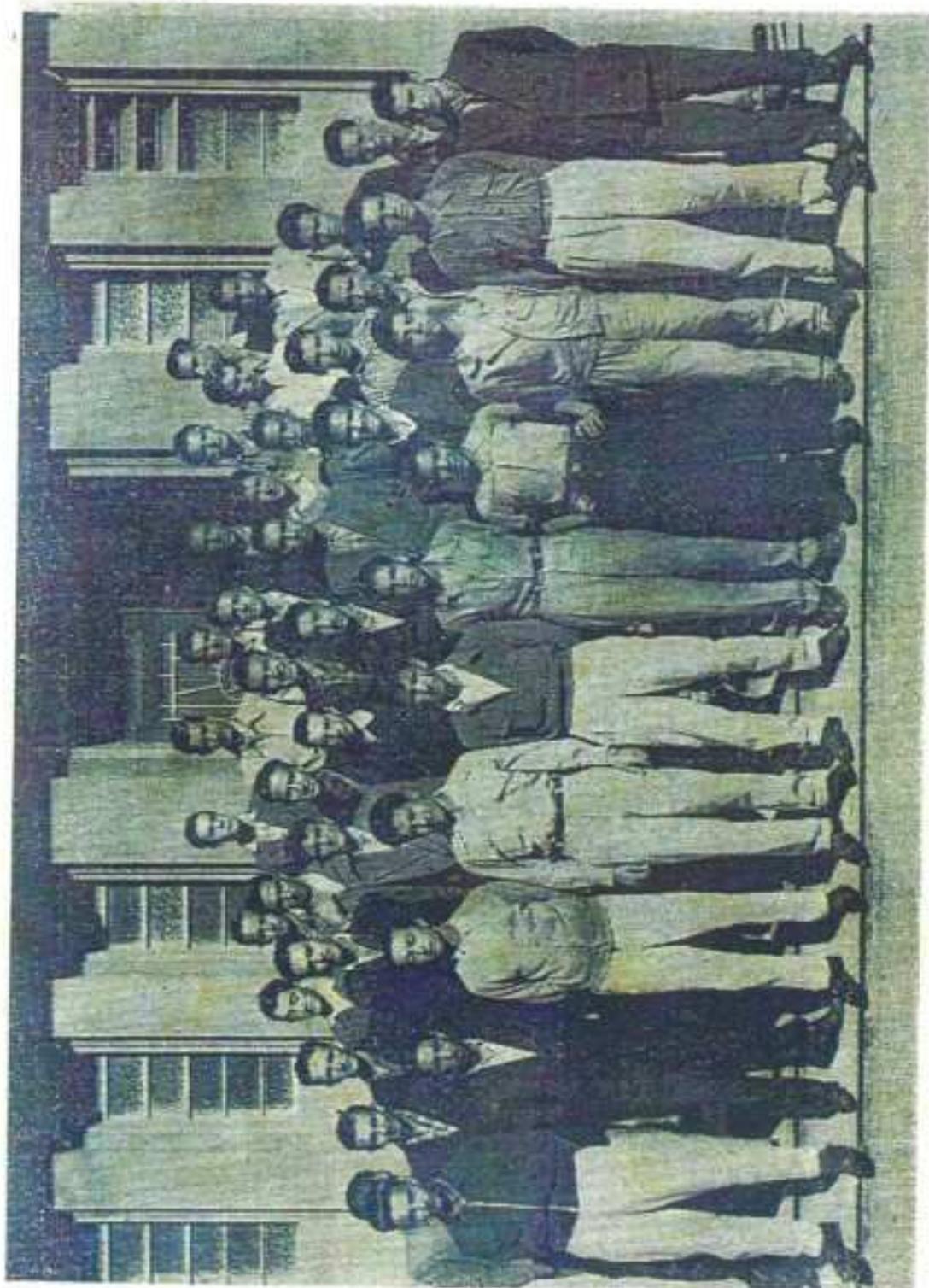


FOTOGRAFIA

DO

Colégio Valenciano S. José

CIENTIFICO



CURSUS

Homenagem Especial

Aos Srs.

Presidente da República

Dr. Getulio Vargas

Ministro de Educação

Prof. Simões Filho

Bispo Diocesano

D. Rodolfo das Mercês de
Oliveira Pena

Fundador do Colégio

D. André Arcoverde de
Albuquerque Cavalcanti

Altar de



São José



Padroeiro do Colégio

Breve historico do



Colégio Valenciano São José

○ Colégio Valenciano São José, Instituição Livre de Ensino Secundário, foi fundado, em 7 de Julho de 1927, pelo 1.º bispo valenciano, Dom André Arcoverde, e acha-se situado numa grande chacara de 2 alqueires de terra, na parte ocidental da cidade, terrenos doados à Mitra Diocesana pelo Exmo Sr. Coronel Joaquim Manoel Cardoso grande benfeitor da Diocese e da cidade, com a obrigação de a Diocese manter um educandário de instrução secundária.

Por Portaria Ministerial de 18 de Setembro de 1928 foi oficializado o Colégio e nomeado, como 1.º Inspetor Federal, Sr. José Léoni Iorio, o qual exerceu o cargo até 1930, em que foi substituído pelo Sr. Luis Moliterno.

A primitiva sede do Colégio foi a própria casa existente na chácara com uma pequena ampliação, relativamente, moderna, onde por algum tempo funcionara o Ateneo Valenciano, preparando alunos para exames parcelados que realizavam em colégios oficializados.

Dom André Arcoverde, fundador e diretor do Colégio até 1930, remodelou a sede da antiga fazenda, ampliando salas, dividindo salões, adaptando-o, da maneira possível a satisfazer as necessidades do incipiente educandário; nestas reformas, Dom André gastou a importância de Cr\$ 18.000,00; quantia, naquela época, de considerável vulto. Prevendo a importância que, tanto para a Diocese, como para a mocidade, teria o Colégio, Dom André não olhou sacrifícios, nem mediu dificuldades para levar adiante a consolidação do Colégio.

Em 1930 chegavam do Escorial, Espanha, os R.R. P.P. Agostinianos, Wenceslao Martin, Ricardo Rodriguez e Antonio Fernandez, os quais assumiram a direção do Colégio, voltando Dom André a residir no seu Palácio. Após dois anos de intenso trabalho de organização de museus e laboratórios sob a imediata orientação do culto e operoso Pe. Wenceslao, Licenciado em Cien-

cias Naturais, quando se previam os frutos dos velhos educadores do Escorial, em janeiro de 1932, anunciavam a Dom André sua retirada de Valença, voltando Dom André a ocupar o humilde e pobre quarto do velho Colégio e desempenhando as funções de diretor, professor e inspetor de disciplina — Um Príncipe da Igreja Católica tomando conta de 25 alunos internos, em estudos, recreios e no dormitório.

Em maio de 1932 chegava da Espanha, destinado à Diocese de Valença, o Pe. Tomás Tejerina de Prado, com 27 anos de idade, sendo destinado, desde julho do dito ano, a auxiliar a Dom André na Secretaria, Economia e disciplina do Colégio — Apesar das grandes dificuldades provenientes da falta de recursos, assim como de escasso numero de alunos que frequentavam o Colégio, reflexo, em grande parte, da grave crise economica iniciada em 1929, não desanimou Dom André, requerendo em 1933 a Inspeção Permanente do Colégio, para o que foram reformados museus e laboratórios e construídas algumas dependencias — Pelo Decreto Presidencial de 2 de janeiro de 1934 concedia-se ao Colégio Valenciano a regalia de Instituição livre de ensino secundário com inspeção Federal permanente.

O progresso do Colégio continuava muito lento, tendo havido anos de tão fraca matrícula que oferecia serias preocupações à direção — Varias Congregações religiosas foram convidadas para encarregar-se da direção e plena administração do Colégio, como os Maristas, os Barnabitas, porém nenhuma aceitou.

Em 1936, Dom André era transferido para a diocese de Taubaté, transferencia que para alguns representava o fechamento definitivo do Colégio — Por instrumento da Cúria de 15 de março de 1937, o Pe. Tomás era nomeado diretor e administrador do Colégio — A nomeação era feita por Mons. Antonio Salerno, Vigário Capitular da Dio-

(Continua na pag. 4)

(Continuação da pag. 3)

cese — Em fins deste mesmo ano o novo diretor considerando de grande necessidade a ampliação das instalações do internato e algumas outras reformas no predio, solicitou do Vigario Capitular um empréstimo feito em nome da Cúria — Consultados os consultores diocesanos não consideraram oportuno o empréstimo, a fim de não criar dificuldades ao futuro Sr. Bispo.

Nesta situação o Pe. Tomás confiante na Providencia Divina, na proteção de São José, Patrono do Colegio e certo de que não poderiam ficar estereis os sacrificios do fundador, assumiu toda a responsabilidade decorrente do aumento das instalações consideradas necessarias, e assim ao findar o ano de 1937 começavam as primeiras grandes ampliações do Colegio, elevando a capacidade do internato para 75 alunos.

Tendo aumentado, como se esperava o numero de alunos, principalmente, no internato, tanto em 1938 como em 39, o diretor pensou na aquisição de uma propriedade, perto do Colegio que, ao menos em parte, torna-se independente o Colegio de vários produtos, como leite, frutas, milho, mandioca, etc. A propriedade, com 16 alqueires geométricos foi adquirida do Sr. Antonio Gonçalves, a dois quilometros da cidade, reunindo ótimas condições para plantação e criação de gado.

Em 1942, sendo grande o numero de pedidos para o internato e tendo havido tambem regular aumento de matrículas no externato, o mesmo diretor idealizou a realização de grandes obras, demolindo a parte velha e levantando um predio de nova planta, de acordo com as exigencias do Ministério de Educação, tanto na parte de aulas, salões, patios e recreios, como na

parte de instalações para internato, sendo encomendada ao Dr. Luiz Giosseffi Jannuzzi a planta do novo predio — Como a importancia para a realização da dita planta fosse de varias centenas de contos e houvesse dificuldade em adquirir a dita importancia por intermedio da Cúria, o mesmo diretor assumiu a responsabilidade, fazendo empréstimos entre amigos do Colegio e algumas familias de Rio Preto.

Não seria justo deixar de mencionar aqui o auxilio oferecido pela nobre e generosa familia Ferreira Guimarães a qual doou a importancia necessaria para construção de cozinha, copa, instalações sanitarias, assim como o azulejo para o refeitório e aumento do mesmo, importancia que subiu a Cr\$ 156.000,00—Tambem prestaram sua generosa cooperação, o Sr. Benjamim Vieira Damasceno, Dna. Italia Lipiani Pentagna, o Dr. Saverio Pentagna, o Dr. Luis Giosseffi Jannuzzi, Sr. Celso Gomes, Sr. Benjamim Ielpo e outros que no dia da inauguração do predio doaram as importancias emprestadas para a construção.

A obra demorou 18 meses, sendo inaugurada em 11 de junho de 1944, elevando-se a capacidade do internato para 150 alunos.

Em 1947, a pedido de muitos pais de alunos, a directoria requereu ao Ministerio o curso Científico, para o funcionamento do qual eram necessarias novas instalações e aumento de capacidade para internato e aulas — O Ministerio concedeu a intalação do Científico sob a condição de construir novo pavilhão destinado ao mesmo; esta construção foi iniciada em fevereiro, incluindo salas especiais para Ciencias — Auditorium, sala de visitas, Directoria, sala de professores e um dormitório com as necessarias instalações; a obra foi inaugurada em 14 de agosto de 1948.



Fotografia do predio onde funcionou o Ginasio durante 14 anos.

Monsenhor Tomás,

à chegada de D. André, sabado.

SAUDAÇÃO:

Exmo. e Rvdmo. Snr. Dom André Arcoverde, illustre fundador e benfeitor deste educandario.

Nesta hora solene para o Collegio Valenciano São José, ao realizar-se esta visita tão desejada, como ardentemente esperada, diante da alegria patente em todos os que aqui vieram para dar-vos as boas vindas, nenhuma saudação mais cordial e mais propria se me ocorre, neste momento, Exmo. Snr. do que dirigir-me aos 350 alunos que, atualmente, frequentam esta casa, assim como a muitos ex-alunos que não vos conhecem pessoalmente, e dizer-lhes: Este é Dom André Arcoverde, cujo nome, pronunciado sempre com amor, veneração e respeito, ha ecoado tantas vezes em vossos ouvidos; — este é o fundador desta casa, onde durante 25 anos, jovens idealistas, sedentos de saber e de virtude vem procurar azas para elevar-se e sobressair, sobre o común dos jovens, na común tarefa de servir á nação; — Este o Príncipe da Igreja que, com visão certa, sem medir dificuldades, sacrificando tudo, inicia em Valença o movimento cultural, em prol da mocidade, que tantos frutos havia de produzir; — este é a figura procer que anima, o exemplo que estimula a quantos continuamos os princípios e as diretrizes por elle marcadas.

Certamente, Exmo. Snr. que ao transportes, novamente, após tantos anos, os portões do Ginasio, saudosas recordações se amontoam em vosso nobre coração e embargam vossa preclara intelligência — recordações daqueles tempos em que, pessoalmente, collocavais os alicerces e juntavais materiais para esta obra do Ginasio, sem dúvida, uma das mais gloriosas de vosso fecundo episcopado em Valença. Recordações daqueles dias difíceis de incompreensão e ceticismo por parte de muitos, que ao ver as dificuldades dos primeiros dias, se perguntavam: será que o ginasio vae adiante? Será que Dom André sai vitorioso desta empresa? Os que assim falavam, não conheciam a tempera ferrea herdada dos Cavalcanti e o espirito indómido dos Arco-verde, vossos gloriosos ancestrais.

Procedentes da Italia, artista e realizadora; passando por Espanha, cavalheresca, fidalga e heróica, chegaram ao Brasil os Cavalcanti; e aqui, no rude e bravio sertão Pernambucano, se uniram aos Arcoverde. Desta união, fruto do sangue bravio de Pernambuco, suavizado pelo sangue culto e fidalgo do velho continente, Príncipe, por sua dignidade, fidalgo por suas maneiras e forte por sua indómita vontade, Valença veria levantar-se uma de suas mais genuinas e autênticas glorias — Dom André Arcoverde Cavalcanti,

Vosso nome, Exmo. Snr. está, indissolavelmente unido á historia e ao nome do Collegio, e gravado com letras de ouro no coração de todos os valencianos. Milhares de pais e de jovens, que, nesta casa, encontraram roteiros amplos e seguros para uma vida mais digna e mais humana, levantam suas mãos ao ceu e bendizem vosso nome e vossa obra. Nas palestras saudosas dos tempos em que o Collegio era o "pusilus grox" casa pequena e rebanho pequeno, nunca falta o nome de V. Excia. Com que carinho o recordam os peraltas daquela época, hoje, respeitaveis e sãzudos doutores, médicos competentes, militares illustres, engenheiros brilhantes, dentistas, contadores, fazendeiros, etc. etc. e com que alegres risadas se comentam, por exemplo, o humorismo de Glefina, com seu jornal crítico e mordaz; a seriedade do trombone; a experteza do tico-tico; a calma do pomba, a malandragem do viramundo e o pão durismo do Chiquinho, e do carcamano. Aqui se encontra um dos maiores peraltas da história do Collegio; vadio até mais não poder; brincalhão e amante da boa vida, um dia, furtando-se á vigilância dos inspetores, trepou numa jabuticabeira para apanhar uns frutos meio maduros: com o afobamento, proprio de quem está fora da lei, agarrou-se a um galho fraco que não aguentando o peso dá com o Zezinho no chão deitado ao pé da jabuticabeira, pensando ter quebrado todos os ossos do corpo, só se lhe ocorre uma ideia: gritar por Dom André, Dom André, estou sem fala!... Outro dia este mesmo peralta, ao sair

(Continua na pag. 6)

(Continuação da pag. 5)

do refeitório, formava parte de um grupo, ao qual, Dom André se dirigiu dizendo: vocês falam de que a boia é ruim, de que o feijão não presta, mas eu vejo que vocês engordam no Colegio; sem perder tempo, o Zezinho responde: Dom André, o sr. não sabe que porco engorda com lavagem?

E quantas cenas como estas, no longo tempo de vossa permanência no Colegio, que certamente ao recorrer esses patios revivirão em vossa memória! Sabiais auscultar a alma e o coração dos moços, para melhor compreendê-los e orientá-los. Como não iam vos amar e recordar com saudade, sabendo da dedicação paternal que tinheis por aquela rapaziada, á qual acompanhavais dia e noite com dedicação de mãe! Quando êles sabiam que suas travessuras, quando não levavam consigo indisciplina formal ou malícia moral, encontravam sempre atenuante por parte de V. Excia.! Esses diabos me roubam até o fumo comentava V. Excia. ao perceber que do quarto, extremadamente pobre e quasi sempre aberto, sumiam, de vez em quando, pacotes de fumo; e o quarto continuava aberto!

A velhice vive de recordações, diz o proverbio popular; e quando as recordações se referem a trabalhos e atividades fecundas, grande deve ser a alegria e as consolações que as mesmas proporcionam: a consagração e alegria que sente o agricultor ao contemplar seus campos, regados com seu suor, cobertos de flores e de frutos — Isto é o Colegio Valenciano São José: um campo regado com o suor e alimentado com os sacrificios de um Príncipe da santa Igreja coberto de flores e de frutos.

Exmo. Snr. em meio desse quadro desolador que oferece a sociedade atual em muitos dos seus setores, e, principalmente, no setor da mocidade, podemos, juntando as mãos em ação de graças a Deus, que o Colegio Valenciano São José constitue um oasis consolador, onde a mocidade tem fé, idealismo, nobreza, respeito, entusiasmo pelas causas dignas, amor a Deus e amor á Pátria.

Certamente que V. Excia. desejaria contemplar, em religioso silencio, o crescimento e os frutos da semente por V. Excia. lançada á terra faz 25 anos, e acompanhado apenas dos alunos que formaram as primeiras turmas, as primicias de vosso apostolado no campo intelectual, penetrar por esses cantos a procura de salas, de corredores, de quartos, de instalações, gravadas em vossa imaginação, e meditar, recordar, viver.

Reconhecemos, Exmo. Snr. que dado vosso estado de saúde e vossas ocupações na Capital Federal, só uma data como esta, a festa jubilar do vosso Ginasio, a Instituição mais cara ao vosso grande coração e a que vem prestando incalculáveis beneficios á cidade, podia ser capaz de trazer-vos á nossa presença.

Exmo. Snr. ! Como os filhos recebem, com satisfação e alegria, a visita e a benção do pai, por longo tempo ausente, assim a comunidade do Colegio Valenciano São José, que é vosso Colegio, o mesmo que como toda Valença, sente, nestes momentos, verdadeira e filial emoção ao veros entre nós, sente satisfeita uma de suas grandes e, por muito tempo esperada, aspiração: que sobre estes patios; sobre estes pavilhões; sobre estes campos, sobre estes alunos e professores e sobre todos nós, caia, como chuva fecunda, a benção paternal e amiga de V. Excia.

Discurso de Boas Vindas a Dom André Arcoverde no Jubileu do Colégio Valenciano São José

Exmo. e Rvmo. Snr. Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Pezma.

Exmo. e Rvmo Snr. Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Excelentíssimas autoridades.

Minhas senhoras, meus senhores.

Depois de longa ausência o "Colégio Valenciano São José" recebe jubilosamente, no raiar glorioso de suas Bodas de Prata, uma figura imarcessível na sua existência, qual seja a de seu inolvidavel fundador.

Hoje, o "Colégio Valenciano" é todo emoções e júbilos, porque sente ante a personalidade grandilóqua de seu fundador, os grandes feitos que tem prestado a Pátria, na

(Continuação da pag. 6)

sua missão sublime de formar o caráter e elevar a cultura a uma imensidade de jovens, que um dia partiram de casa, visando este colégio e embalados por grande sonho: estudar, lutar e vencer na vida.

Tem despertado um caráter mais elevado e uma cultura mais aprimorada, à juventude que aqui veio sorver, com o senso de responsabilidade, o néctar de uma formação íntegra. Afirma-lo-ão com mais alma os ex-alunos que aqui retornam para homenageá-lo em seu jubileu.

Tem se revelado, no correr dos anos, um mestre insigne de sólida instrução intelectual e moral, e aberto a todos os seus estudantes as portas da cultura superior, melhorando-lhes assim o nível de vida e abrindo novos horizontes para a conquista de seus ideais. Tal, é a missão de um educandário implantado nas verdades cristãs. É por ensinar as doutrinas de Cristo, que tem conseguido solidificar o caráter e formar homens de ciência; homeas com quem a Pátria poderá, um dia, degladiar em prol de sua liberdade.

Disse certa feita um literato a respeito do progresso de uma nação: "Cada escola que se abrir, será uma cadeia que se fecha". Mas a experiência negou a afirmação. Com o passar do tempo, as escolas aumentaram em progressão aritmética; porém os roubos, os crimes, as cadeias, os campos de concentração aumentaram em progressão geométrica. A razão é que as escolas se multiplicaram e o ensino das verdades evangélicas se fracionou.

Porém, o contrário se verificou com a fundação deste educandário; para gáudio de seu fundador e de todos os jovens que aqui vieram calcar os primeiros passos de sua formação. Não só foi uma fonte de horizontes a tantas inteligências sequiosas do saber, como também uma escola fomentadora de interesses pelas ciências, artes e letras.

Assim é, que este colégio vem triunfante no correr dos anos e já alcança o seu jubileu de vitórias. A razão de seu progresso é a de ter sido justamente, uma obra erguida para a maior glória de Deus e amparada em sua primeira infância, com sacrifícios e suores de um venerando sacerdote. Uma obra "Ad majorem dei gloriam", não pode deixar de ser abençoada por esse mesmo Deus. E uma obra abençoada por Deus, não pode vacilar ante as dificuldades que lhe encaram. Este tem sido o caso do "Colégio Valenciano São José".

A quem deve, porém, a Pátria, o legar-lhe os homens de caráter e os homens de cultura, que aqui sorveram a largos tragos, o manancial de uma formação cultural patriótica e cristã? A quem devem esses mesmos homens, o seu caráter e a sua cultura, senão a esse nobre príncipe da Igreja, Dom André Arcoverde?

Então, é que todos os alunos, reunindo em um só grito de amor e de confiança, clamam com todas as forças de suas almas: "Benvindo sejas, Dom André Arcoverde, a este monumento de cultura, criado por vossa iniciativa bendita, alimentado com o suor do sacrifício e da humilhação, e vitorioso pelo ideal que se baseia nas divinas virtudes do Evangelho".

Disse TELMO VIANNA FONTES



Discurso de MARINA D'ARC

Excelentíssimos Reverendíssimos Senhores Bispos: Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti e Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Penna.

Reverendíssimo Diretor do Ginásio Monsenhor Tomás Tejerina de Prado.

Autoridades presentes.

Senhores, Senhoras.

Aqui estou no desempenho de uma missão que me foi confiada. Antes de desempenhá-la, eu quero, vencendo o meu complexo de humildade, saudar com muito carinho o creador deste Ginásio obra diocesana de alto valor espiritual e patriótico — Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, seu digno e sábio continuador — Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Penna.

Quero congratular-me também com o Reverendo Monsenhor Tomás Tejerina, pela passagem do 25º aniversário deste Educandário, que muito tem progredido sob sua orientação laboriosa e construtiva.

Felicito também com muita atenção os alunos deste Ginásio Valenciano São José, pedindo a Deus que hoje, amanhã e sempre,

(Continua na pag. 8)

êles se mantenham na altura do pensamento espiritual e patriótico e altruista que norteou o fundador desta obra e norteia até hoje seus dignos continuadores.

E agora passarei a tratar do assunto que aqui me trouxe, da missão que me foi confiada pelas minhas colegas, ex-alunas do Curso Normal Manuel Duarte.

Quizeram elas, que eu fosse a interprete dos seus sentimentos de gratidão, saudade, respeito e carinho para com o nosso inesquecível e querido Benfeitor — D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, cuja lembrança a despeito do tempo, permanece inalterável e sempre viva, no relicário dos nossos corações.

É uma homenagem singela, mas altamente significativa para os nossos corações sinceramente agradecidos e saudosos daquele tempo em que orientadas com tanto carinho avançamos pela estrada da vida, sem temer os espinhos, nem as decepções, mas confiantes nas mãos amigas que nos guiavam e encorajavam para caminhar — D. André e D. Santinha Silva — colaboradora sincera do trabalho de D. André e a alma boa do Curso Normal Manuel Duarte.

Encarregada de tão difícil, delicada e emotiva tarefa, sabedora de que muitos ora-

dores aqui se fariam ouvir, e temerosa de cansar demasiado nosso generoso Benfeitor, resolvi resumir os milhões de palavras que eu teria de dizer para expressar tudo o que sinto e sentem minhas colegas daquele tempo, neste soneto de minha autoria que passo a recitar e que se intitula:

NOSSA HOMENAGEM

Há em todo coração uma centelha
De amor, de luz, de caridade
Em uns ela cresce, desenvolve
Em outros permanece estacionada.

Aquêl que esta centelha desenvolve
A luz e o amor, espalha em profusão
E a recompensa tem no afeto puro
Das criaturas, e na paz do coração.

Salve D André, alma iluminada
Plena de luz, de graça e de perdão
Centelha de amor em luz e ro transforma-la;

Receba hoje a flor da gratidão
Nesta homenagem com carinho preparada
Pelas filhas diletas do vosso coração!

Fotografia dos alunos dos cursos
admissão e primario



Discurso de Monsenhor Salerno proferido durante a missa campal

Exmo. e Rvmo. Sr. Bispo Diocesano.

Exmo. e Rvmo. Sr. D. André.

Meus caros irmãos.

Em 1950, quando a cristandade acudia ao chamado do Santo Padre Pio XII, gloriosamente reinante, para as indulgências do

res e diocesanos a frente daquelas jubilares comemorações — e hoje, ao lado de sua Excia. Rvdma. — a figura veneranda de D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, primeiro bispo de Valença e o grande fundador-benemérito desta casa, a quem a diocese agradece tão honrosa e significativa visita e este Colégio, agora envaidecido pela

P
R
O
F
E
S
S
O
R
E
S



★
de
1
9
3
0
★

Ano Santo, Marquês de Valença, pela voz de seu Bispo, convidava todos os fieis para as festas de 27 de março jubileu de prata da criação da diocese.

Hoje, num dos maiores setores de atividades da diocese, celebramos um outro jubileu — é que o velho Ginásio Municipal Valenciano S. José, transformado em Colégio pela imponencia de seus novos pavilhões, completa também seus 25 anos de fundação.

Nas festas da diocese, viamos D. Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena, nosso querido Bispo Diocesano, rodeado de todo o seu clero, cercado dos fundadores, benfeito-

presença de seu saudoso fundador, presta uma homenagem toda sua, convidando alunos e ex-alunos a receberem sua santa bênção, apresentando com os votos de boas vindas, os seus sugúrios, **ad multos annos**. Quem conheceu aquele velho casarão, lembrança do antigo Ateneu Valenciano, poderá calcular as dificuldades de D. André em adaptar aquele prédio, doado pelo grande benfeitor e naquela época, Prefeito Municipal de Valença, o Cel. Manuel Joaquim Cardoso, de saudosa memória, para o qual abro um parêntesis nesta minha oração, afim de lhe prestar uma homenagem de

remos voltar aos desesperados, a esperança; dos infelizes, dias de alegria e bonança, dissipando-se assim o espéctro de uma tremenda guerra que nos ameaça, para dar lugar ao arco-iris da paz nos céos de todas as patrias, segundo as palavras do nosso imortal Pio XII.

Caros alunos e ex-alunos. Há 25 anos que as portas desta casa estão abertas para em colaboração com os vossos pais, formar vosso espírito e vosso coração. Aos que aqui estão de cartilha na mão ou manuais científicos em punho, vêde em vossos mestres um pai e um sacerdote amigo, dirigindo os vossos primeiros passos. Amai a este Colégio como a vossa própria casa. Respeitai a vossos mestres vendo neles a imagem querida de vossos pais e assim, na simplicidade de vosso espírito e na docilidade dos vossos corações, conhecereis aquelas verdades que Deus esconde nos soberbos para as revelar aos humildes e pequeninos.

Aos ex-alunos que passaram para as universidades e escolas superiores, ou que por outro qualquer motivo, empregam suas forças em vários sectores da actividade humana, sêde criteriosos, não vos deixando embair pelo palavrório entusiasta dos arautos

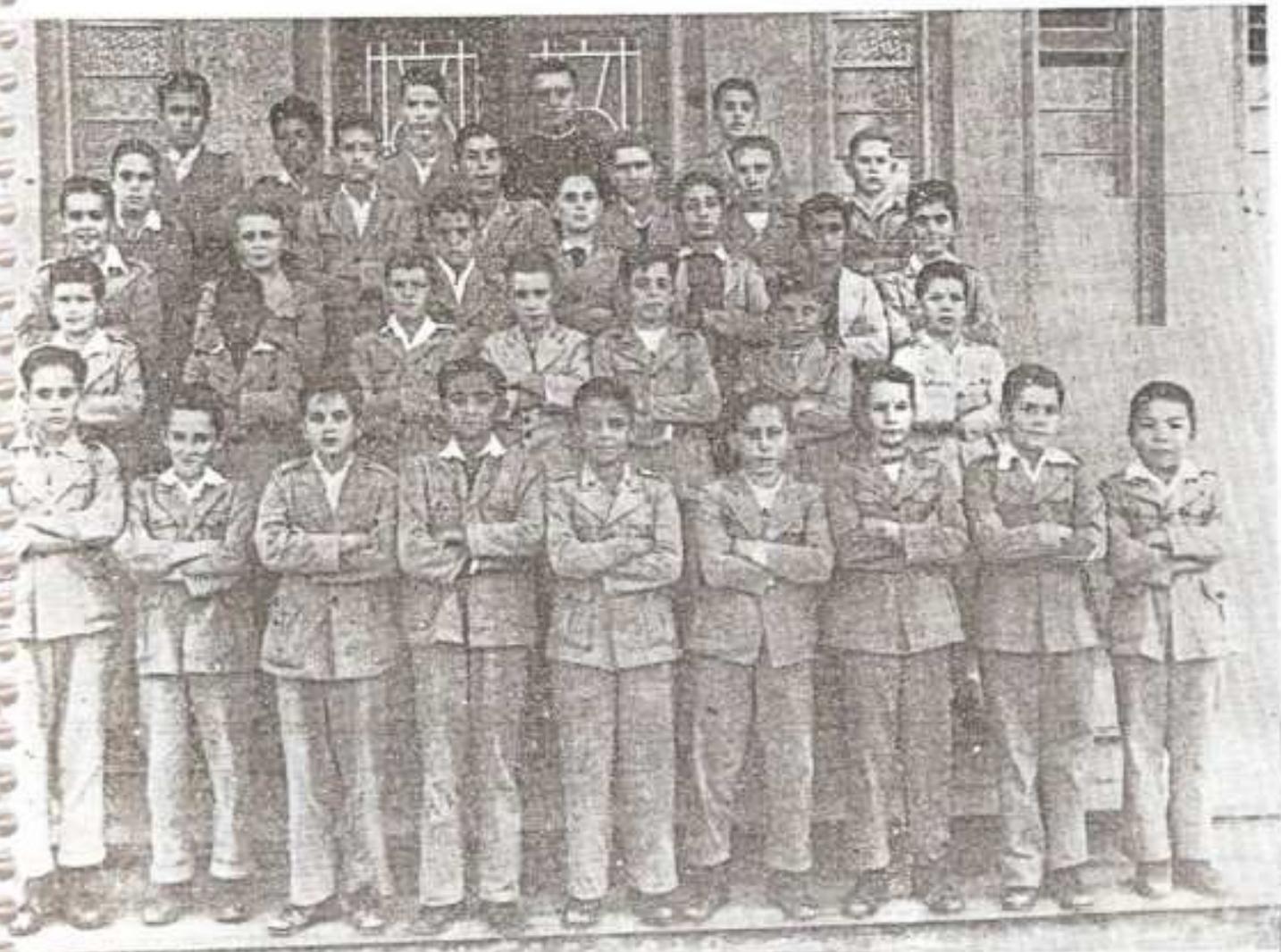
de falsas doutrinas que, lançando a dúvida em vosso espírito, plantam o germen do mal em vosso coração. Que Deus abençoe vossos estudos e vossos trabalhos, avivando sempre em vós, aqueles santos propositos que aqui tomastes e que vos servirão um dia para o engrandecimento do vosso proprio nome e o de vossa familia, nos serviços que deveis a Deus e a Patria!

E vós outros, ex-alunos que trazeis em vossos dêdos um anel de gráu ou uma aliança de esposo — que trazeis em vossos braços as insignias que pelo vosso valor recebestes no exército, marinha e aeronautica — que trazeis em vossas mãos um filhinho querido, que vos poderei dizer e aconselhar!

Falem por mim estes dois venerandos bispos aqui presentes, doutores e pontifices da Igreja.

Como doutores da Igreja, apontando-vos as práticas dos conselhos evangelicos, como pontifices derramando sobre vós as suas preciosas bençãos, para que possais sempre, sem respeito humano, confessar, aque-

Fotografia dos alunos da
1.ª Série A



saúde e gratidão, convidando alunos e ex-alunos a rezarmos um momento durante esta missa, á sua alma generosa e Lóa. Ele que não teve a ventura de vêr seus sonhos em realizações tão grandes, receba agora os nossos sufrágios para as delicias de seu sono eterno.

Meus caros irmãos,

Sendo o santo sacrifício da missa o maior meio na terra para adorarmos a Deus e agradecermos seus benefícios, seja esta missa campal o nosso ato de fé e adoração e o nosso **Te Deum** solene de ações de graças á SSma. Trindade, cuja festa celebramos hoje, pedindo a Deus, uno na sua essência e trino em pessoas, que faça descer sobre este educandário hoje em festas as suas bençãos para a sua Diretoria e seu incansável e abnegado corpo docente — aos alunos e ex-alunos — fundadores e benfeitores — estes então na pessoa de Mons. Tomás T. de Prado que, com sua mão de administrador e sua inteligência de escól, vem aqui realizando os sonhos do Cel. Cardoso, os grandes ideais de D. André e, na missão de apascéntar, coadjuvando a D. Rodolfo.

Meus caros irmãos,

Nenhum homem na terra teve tanta autoridade para ditar aquilo que Cristo, Senhor Nosso, ditou um dia a todos os homens:

“Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida — ninguém poderá ir ao Pai senão por mim”.

E debaixo desta trilogia divina levanta a Santa Madre Igreja o estandarte de Cristo por toda a parte e perpetúa na terra sua missão de ensinar, fundando aqui e all, igrejas e escólas, catedrais e universidades, para que todos os homens desde a infância até sua ansiania, tivessem contínua assistência divina para se acautelarem dos falsos cristos e falsos profetas que, semeando a cizânia, quebraram a unidade da fé cristã!

Visto ser Cristo — caminho — verdade e vida — temos á garantia da sua santa assistência nas palavras do evangelho da missa de hoje: “Ide pois e ensinai a todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do E. Santo; ensinando-as a observar todas as coisas que vos tenho man-

dado; e estais certos de que eu estou convosco todos os dias, até á consumação dos seculos”.

Por certo, irmãos meus, se com tais palavras e promessas, não ousa o homem a enveredar seus passos pela via sacra de Cristo — é porque o abate a covardia do respeito humano; se não se fia nas verdades reveladas — é porque o envolvem as trevas da idolatria ao pecado; se não se abreira á fonte da vida — é porque a corrupção de seu corpo e de seu espirito o torna insensível ao perfume de Cristo, que trescala pureza, renuncia, humildade, mansidão e um grande amor ao Pai e uma exuberante caridade ao próximo.

Sim, amar a Deus, amar ao próximo, fazer bem a nossos inimigos, eis o grande mandamento de Cristo, eis o grito de alerta e a palavra de ordem da Igreja, nesta hora grave que atravessa o mundo, sendo o

proprio homem o autor desta inquietação geral, criada pelo egoismo dos fortes e ganância dos insatisfeitos; pela indisciplina dos máus e angustia dos desesperados e oprimidos.

Em nome da liberdade, proibiu-se Deus nas escolas e d’Ele não se fala nas conferencias de paz. Em nome da Democracia, surgem lóbos em peles de ovelhas. Em

nome desta arenga: paz, paz, queremos paz, rabiscada em muros ou parêdes de nossas casas, escondem-se o martelo e a foice entrelaçados, símbolos da demolição, da destruição, da escravidão e da morte!

A’ guerra desintegradora de todos os nossos valores físicos e morais, promovida pelo comunismo ateu e anteriormente preparada pela maçonaria traiçoeira, mobilizemos a doutrina de Cristo e os ensinamentos da Igreja, plantando Deus nos corações dos homens, integrando Cristo em nossa sociedade de onde foi banido pela leviandade dos costumes de nossas familias.

Proste-se o homem aos pés de Cristo, caminho, verdade e vida — abra as suas arcas carregadas de ouro improdutivo, matando a fome dos famintos; socorrendo aos pobres e infelizes em todas as suas multiplas necessidades; estabeleça-se na terra aquela justiça social dos primórdios da Igreja e ve-



Nenhum bem melhor pode-se fazer á República do que ensinar e educar a juventude.

CICERO





FOTOGRAFIA DOS PROFESSORES EM 1936

la fé que um dia recebestes no batismo e que depois foi urgida aqui neste templo do ensino pela palavra e pelo exemplo dos nossos velhos mestres.

Finalmente, sobre o meu olhar agradecido áqueles retratos e áqueles nomes gravados em marmore, ornando como benfeitores as paredes desta casa, sem omitir os agradecimentos, áqueles que, por modéstia, occultavam-se no manto da humildade, vós, que tanto animastes e cooperastes para este monumento de fé e cultura que é hoje o Colégio V. S. José, os meus votos porque Deus grave os vossos nomes no livro da vida, inscrevendo vos assim em o numero dos seus eleitos.

E a vós, glorioso S. José que fostes dentro do plano divino de nossa Redenção, constituído por Deus, chefe da Família Sa-

grada e ser o pai adoptivo do Menino Jesus e esposo da SSma. Virgem; vós que fostes proclamado pelo Vigário de Cristo na terra, Padroeiro Universal da Igreja, para defendê-la das ciladas de seus inimigos e contra toda a adversidade; vós, que fostes colocado pelo primeiro bispo de Valença como patrono desta casa, para provêr todas as suas necessidades e guardar debaixo do vosso olhar toda a sua juventude; por todos estes títulos e por todas estas prerrogativas, ó bemaventurado S. José, este Colégio agradece todas as graças que lhe concedestes em todo este quarto de século, esperando sempre o vosso singular patrocínio, para que esta mocidade desabroche em virtudes e nos humanos conhecimentos como, debaixo do vosso tétó, crescia em graça e sabedoria o Menino Jesus. Amem.

Um homem ocioso é como a agua estagnada, corrompe-se.

SESSÃO SOLENE

AUDITORIUM DO COLÉGIO

Abertura pelo Exmo. Sr. Dom Rodolfo

Seguem-se discursos e números de arte

Discurso do aluno José Tabet

Exmo. Rvmo. Sr. Dom Rodolfo das
Mercês de Oliveira Pena.

Exmo. Rvmo. Sr. Dom André Ar-
coverde.

Revmo. Monsenhor Tomás Tejerina.

Autoridades aqui presentes.

Estimados Mestres.

Senhores, Senhoras.

Caros Colegas.

Quando, a 8 de Dezembro de 1925, entrava triunfalmente nesta cidade, o nosso primeiro Bispo, o inesquecível Dom André Arcoverde, foi como o despontar de um venturoso dia, em que densas trevas foram dissipadas por um sol brilhante, que lançando raios de luz, iluminou o caminho da verdade, aqueceu corações empedernidos e fortaleceu o espírito religioso, causando uma transformação que deixou todos admirados.

Sim, admirados, e não somente por esta transformação, mas pelo fato de sermos favorecidos por um destino dadivoso, possuindo, na figura de tão insigne pastor, um verdadeiro Apóstolo de Cristo que deu-nos e dá-nos o exemplo de tudo, sendo modelo de altruísmo, de abnegação, de sacrifício, de perseverança, e, em consequência, um líder que muito e muito trabalhou pelo progresso de Valença.

Parece que a Provisão Divina o agraciara, pois, em paga dos inúmeros bene-

fícios que fizera a esta abençoada terra, reservou-lhe a fundação deste educandário, que, embora fosse pequeno como um grão de mostarda, tornou-se, com o tempo, majestosa árvore que aqui vemos.

Podemos comparar este colégio, a princípio, à uma pequena semente que, sendo bem plantada e cuidada a custo de sacrifícios de seu zelador, estaria destinada a uma germinação fecunda.

Assim, verificamos que em espaço de tempo relativamente curto, a semente desenvolveu rápida, tornou-se um pequeno arbusto e começaram a aparecer as flores: os primeiros alunos; cresceu mais ainda e as flores tornam-se frutos, que, pela sua boa qualidade, valorizaram a árvore. Estes frutos são os Ex-alunos.

Ao sair seu primeiro cuidador, esta árvore, sente os efeitos da terra que vai se tornando rude, entretanto, ao cair suas primeiras folhas, surge seu novo cuidador que, zelando por ela, com abnegação e carinho e dando-lhe uma terra beneficiada, revigora-a fazendo-a produzir os mais admiráveis frutos.

Caros senhores, este Colégio que aqui vemos, é uma instituição de que se pode orgulhar a Cidade, o Estado e a Pátria. É nele que, bem preparada e orientada pelo braço firme e resolutivo, de um defensor da mocidade estudiosa, o nosso estimado Diretor, auxiliado por professores e inspetores,

sae, disposta a enfrentar quaisquer dificuldades, uma juventude: culta, patriota, idealista e sadia.

Meus Senhores, esta casa que tanto veneramos, esta fonte inexaurível do saber, hoje comemora seu jubileu de prata. Celebramos duplamente esta festa, pois, corresponde não somente ao aniversário de fundação mas principalmente a 25 anos de lutas sacrificantes de nossos mestres, que vão encontrar os resultados de seus combates nas nossas vitórias. Digo, vitórias, porque sabemos que o Colégio venceu sempre, vence e vencerá, pois, uma árvore bem plantada e cuidada, só pode dar bons frutos.

Este Colégio que funcionando, como consta em seus estatutos, de acôrdo com as normas traçadas pela Santa Igreja: instruir, ensinar, orientar e santificar, encaminha-nos ao mesmo tempo, pela estrada do saber, para Deus e para a Pátria.

É neste mesmo educandário que vemos: Diretor, Professores e Inspectores, sob os auspícios de um Báculo da Igreja, não medindo sacrifícios, com desinterêsse pessoal, lutar denodadamente, pela mocidade e para a mocidade tornando-a não somente culta e patriota mas também cristã, na expressão do famoso Cura D'Arns: "Atuam da forma mais nóbre, mais altruista e mais católica da sociedade atual".

Senhores, esta data que hoje festejamos, é inolvidável, pois é um marco glorioso que ficará gravado, não só no papel que o tempo gasta e consome, mas no coração de alunos e ex-alunos que aqui reunidos manifestam sua gratidão.

Cada um de nós representa uma grande vitória, pois somos jovens, que saídos de meios diferentes, com caráter diverso mas sôlidamente formados e bem preparados, unimo-nos na luta pela causa da religião, da pátria e do saber, contra o inimigo ardiloso, que atacando por diversos meios, forçava-nos a uma contenda árdua, da qual sai-

remos vencedores graças às energias acumuladas em nossa alma, durante anos, por nossos estimados mestres.

Temos convicção de que havemos de vencer, mas as glórias de nossas vitórias pertencem a êste que lançou a base desta instituição o nosso estimado Dom André Arcoverde, a êste que completa e firma sua obra, o nosso tão querido Diretor, Mons. Tomás Tejerina e a êste que aprova e dirige seus atos, o nosso tão bondoso Bispo, Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Pena, sem esquecer nunca os nossos tão dignos e estimados mestres.

Eis, caros Senhores, o motivo dêste júbilo, que contagia todos.

Vibra em minha alma, neste instante, a comoção do momento, que é, sem dúvida, um traço histórico na vida de todos nós, e minhas palavras rebocando neste salão, representa a voz dos atuais alunos do Colégio, que sentem, neste grande dia, o dealbar de de uma nova fase.

Aqui reunidos em altissonante harmonia, felizes por tão auspiciosa data, elevamos nossos pensamentos ao Todo Poderoso, rendendo-Lhe graças, pela grande honra que nos proporcionou: sermos alunos do Colégio Valenciano São José.

Senhores! Confirmando minhas palavras e é imbuído da mais firme convicção que eu vos declaro, somos uma mocidade que pensa no dia de amanhã e como tal não medimos esforços para tudo fazer e produzir, em prol das causas justas da Humanidade, trabalhando sempre e sempre no sentido de aprimorar nossos conhecimentos e assim teremos a certeza de contribuirmos com parcela, que certamente há de pender na balança do dever, pelo o engrandecimento cultural da Juventude, pelo soerguimento do índice de civilização e assim teremos garantida a maior glória de Deus e um fulgor impar de nossa Pátria, a muito estremecida nação brasileira.



*
*
—
Grupo formado por
funcionários do
Colégio Valenciano
São José
—

Discurso do ex-aluno

Dr. José Antonio Tavares

Exmos. Srs. Bispos.

Exmas. Autoridades presentes.

Exmas. Senhoras, Senhores.

Meus Colegas Alunos.

Segundo Raul Pederneras, meu velho mestre na Faculdade Nacional de Direito, que entremeava, com os eflúvios de uma inesgotável veia humorística, as suas mais notáveis lições de Direito Internacional Público, há duas espécies de discurso: o falado falado e o falado lido. O primeiro pode ser improvisado ou decorado. E o segundo, que éle chama de clássico, distribui as frases em 3 fases: o exórdio, o corpo do assunto e o remate. O exórdio, é vulgarmente chamado verbo de encher, consistindo em diminuir modestamente os méritos de quem fala.

Pois bem, meus amigos, estamos no exórdio de um discurso falado lido. Todavia, ao revés do que estão muito razoavelmente supondo, não vou lhes dizer, com ares radiofônicos de modéstia dramatizada, que, neste momento solene, lhes fala, a pessoa menos indicada e menos capaz para dizer algo em nome dos ex-alunos deste querido educandário.

E, se evito de lhes dizer tal, não é porque, a contrário sensu, me considere a mais indicada e a mais capaz, e sim, justamente, porque a que melhor reúne êsses requisitos já lhes falou e bem traduziu os sentimentos de todos nós, os da velha guarda: o meu querido amigo Dr. Lourenço Capobianco. Posso, nestas condições, graças a um gesto bondoso do Reverendo Monsenhor Tomás e à feliz iniciativa dos organizadores do programa, falar, tranquilamente, em caráter avulso ou independente. Assim, como uma espécie de livre atirador parlamentar. E, desligo, desde logo, de quaisquer responsabilidades pela falação, os meus assustados ex-colegas, dos tempos de antanho.

E, penetrando o corpo do assunto, eu desejaria, liminarmente, para ressaltar uma vez mais a beleza dos contrastes, mergulhar, por um momento, no passado, em que se esconde aquele modesto e velho ginásio de meu tempo. Velho ginásio de que só restam as palmeiras velhas. Velho ginásio que nasceu velho e pobre e cresceu para a mocidade primaveril e portentosa dos dias atuais. Velho ginásio pobre que era o orgulho de D. André Arcoverde e que é hoje apenas saudade na lembrança de todos nós.

Saudade, que como dizia o poeta, são

Pensamentos voando, voando
Pela interminável estrada percorrida
Desejo inútil de ficar lembrando
Fatos passados no correr da vida

Saudade! Terna voz dulcificante
Que revive a ventura já distante
Anseio d'alma ecoando na amplidão.

Falando, há tempos, aos alunos que então eram do presente e hoje ex-alunos como o orador, pertencem igualmente ao passado, ensejou se-me a oportunidade de recordar velhas passagens do ginásio de meu tempo. Hoje, peço venia aos bondosos ouvintes, para recordá-las novamente, posque, como sabem, recordar é viver. E, nós os velhos, vivemos de recordações. Recordações do velho e róseo casarão de linhas sóbrias. Recordações da capelinha silenciosa e inspiradora, levemente tocada pelos murmúrios de preces crepusculares. Recordações das palmeiras centenárias e esguias, que traçavam nas alturas um colar de halos viridentes e balouçantes de suave encantamento pastoril. Recordações das campinas verdes que exilavam, que convívio cidadão, o velho casarão, no qual apenas ressoavam os ecos perdidos de uma sirene noturna angustiada. Recordações do

Os preguiçosos ignoram que o que mais descansa o espírito é o trabalho.

outeiro desnudo de matas, com sua silhueta imprecisa projetando-se de encontro ao horizonte sombrio das tardes sem galas. Recordações dos amplos pátios de recreio, ora povoados pelos alegres gorgeios de estudantes em gazeta, ora desertos de trinados, reduzidos à saudade triste dos estudantes concentrados num melancólico salão de estudos. Recordações daquelas incríveis aulas de ginásticas ministradas pelo Zeu, às 6 horas da madrugada fria de Valença, com os internos em jejum, envergando os seus pijaminhas listrados de corte mais capiau deste mundo... Recordações dos colegas, uns quietos, outros peraltas, uns estudiosos, outros vadios, uns vivos (ainda) hoje, outros vivendo apenas em nossa saudade... Saudade, que na definição do poeta, seria então apenas o eco em dor das vozes que morreram... Recordações de D. André Arcoverde, nosso querido diretor, sempre severo e camarada, austero e galhofeiro, tonitroante e suavequente. Recordações de D. André, trabalhador infatigável das altas madrugadas, que não nos deixava dormir após a alvorada, mas cujo grande coração facilmente se derretia, ante um pedido comovedor para a antecipação de um feriado. Recordações de D. André, que entremeava de suaves evocações musicais as suas aulas de religião e de místicos acordes as suas aulas de música. Recordações dos velhos e bondosos mestres, inteligentes e cultos, severos e amigos. Recordações de D. Silvina, do Dr. Osvaldo Fonseca e ou-

tros. Recordações do velho professor Pedro Celidônio, mineiro tão velho que se diria remanescente das conspirações de Vila Rica, que era magro de físico como uma cortina de fumaça e gordo de bondade como um barril de chopp pre-eleitoral. Foi o nosso mestre de francês e português. O seu francês era dos melhores. O seu português camoneava clássico. Ensinou-nos a vagar ao sabor de mares nunca dantes navegados. Recordações do Cônego Salerno, mineiro de Caratinga, que com seu dulcificante tom de voz suavemente elevado, falava-nos de uma língua, que um certo povo falou um dia... mas que se "declinava" com o decorrer dos tempos... E ajudando a decliná-la ainda mais perante o Cônego Salerno, passamos dois dos mais felizes anos do ginásio. E aqui vai um *post-scriptum* engeraçado ao querido mestre: quando de minha última falação neste ginásio, ao ensaiar algumas lindas citações latinas, cometi uma grande e imperdoável silabada, tão grande e imperdoável que o Cônego Salerno se viu obrigado a colocar o ouvido na tipoia por vários dias... Desta feita, tomei de outros rumos. Nada de citações latinas. Fique tranquilo o ilustre mestre. Gato escaldado tem medo de água fria... Recordações da figura impar do Tte Zenóbio, que era cheio de corpo, como um quadrado dos catetos, vibrátil como um militar em parada, marcando com ritmo e cadência os seus passos marciais na sala de aula. Foi não há dúvida, um excelente



Vista do Colégio Valenciano São José em 1944 (1944)

Oração de um Pai

Pelo General Douglas Mac Arthur

Senhor, dá-me um filho que seja bastante forte para saber quando é fraco, e corajoso bastante para se enfrentar a si mesmo quando tiver medo; um filho que seja orgulhoso e inflexível na derrota inevitável, mas humilde e manso na vitória.

Dá-me um filho cujo externo não esteja onde deveria estar a espinha dorsal; um filho que te conheça e que saiba que conhecer-se a si mesmo é a pedra angular do saber.

Guia-o, eu te suplico, não pelo caminho fácil do conforto, mas sob a pressão e o agulhão das dificuldades e dos obstáculos. Que aprenda a manter-se ereto nas tempestades; e a ter compaixão pelos malogrados.

Dá-me um filho de coração puro e de objetivos elevados; um filho que saiba dominar-se antes de procurar dominar os outros homens; um filho que aprenda a rir, mas que não desaprenda de chorar; um filho que tenha os olhos para o futuro, mas que não se esqueça do passado.

E depois de lhe tiveres concedido tôdas estas coisas, dá-lhe, eu te rogo, compreensão bastante para que seja sempre um homem sério, sem, contudo, nunca se levar a muito sério. Dá-lhe humildade, Senhor, para que possa ter sempre em mente a simplicidade da verdadeira grandeza, a tolerância da verdadeira sabedoria, a humildade da verdadeira força.

Então, eu, seu pai, ousei murmurar:

"Não vivi em vão".

mestre — para muitos. Outros, todavia, foram remir seus pecados nas aulas de dona Lolote, mestre notável e professora revelação de todo o curso ginásial. Recordações do Tte. Consentino, que era magro como Don Quixote e calmo como Sancho Pança. Não discorria. Soletrava as suas aulas com a placidez inconfundível de um militar da ativa não combatente. Foi o nosso professor de geografia. E foi um bom mestre. Recor-

dações do Tte. Faria, que foi o nosso ilustre e culto professor de física e química. E se fisicamente era gordo, quimicamente era o produto de uma salada filosófica, onde o nosso Jeca Tatú se punha de concerto com Schopenhauer... "Estudar pra quê meu filho? Tome logo um zero de recordação... Foi assim que o Tte. Faria, o filósofo do ginásio, num tempo em que a cadeira não era

Continua na página 10



Legião e Honra

Alunos com nota igual ou superior a 8 no primeiro semestre

4.ª Série

Rubem Augusto Taveira 9,8

Curso Científico

Herbert Guarnini Calhau 8,4
 José Tabet 8,3
 Eloy Rocha 8,2
 Tarcísio de Avila Rodrigues 8,2
 Wilton Guimarães Moreira 8,1

Legião e Honra

Alunos com nota igual ou superior a 8 no primeiro semestre

4.ª Série

Rubem Augusto Taveira 9,8

Curso Científico

Herbert Guarnini Calhau 8,4
 José Tabet 8,3
 Eloy Rocha 8,2
 Tarcísio de Avila Rodrigues 8,2
 Wilton Guimarães Moreira 8,1



Emm. e Avem. Sr. Don Anacleto Arcoverde, 1.º bispo de Valença, fundador do Colégio Valenciano e do Escola Normal — Mencionado no livro e pel de Instrução em Valença, prazos instituídos tempo d' exilado.



Emm. e Avem. Sr. Dom Anacleto Arcoverde, 1.º bispo de Valença, fundador do Colégio Valenciano e do Escola Normal — Mencionado no livro e pel de Instrução em Valença, prazos instituídos tempo d' exilado.

Mrs. Antonio Salsinas colaborador do Emu. Sr. Don Rodolfo, D. D. Epico discursivo na benção e de agraça e a honrar o Colégio Valenciano.

Quadro de Honra

Curso Primário	1.º - Manoel Rodrigues de Souza 9,4
	2.º - Edé Francisco da G. Gonçalves 8,4
	3.º - Carlos Alberto Santos 8,3
	4.º - Arthur Coslino de Mello 8,1
	5.º - Celso Coutinho Filho 8,1
Curso de Admissão	1.º - Antonio Celso Henriques 7,8
	2.º - José Shimoido 7,8
	3.º - Jair Ferreira Pacheco 7,6
	4.º - Nelson Martins Duarte 7,5
	5.º - Laiz Adolpho Duboc Cruz 7,0
1.ª Série A - Internos	1.º - Cesar Lopes Viviani 8,9
	2.º - Fabiano de Carvalho Oliveira 7,4
	3.º - Carlos Francisco C. de Sá 7,3
	4.º - Ely Coelho 7,3
	5.º - Takashi Shimoido 7,0
1.ª Série B - Externos	1.º - Laiz Carlos L. Pinto Garcia 8,2
	2.º - Celton Robert de A. Araujo 8,1
	3.º - Enjan Villarinho Figueira 8,0
	4.º - Hugo Peroti Barbosa 7,8
	5.º - Léo Ribeiro de Souza 7,8
2.ª Série A - Internos	1.º - José Américo A. Bittencourt 8,8
	2.º - Laiz Gonzaga Machado 7,4
	3.º - Nelson Laiz de Oliveira Lyra 7,1
	4.º - Laiz de Brito 7,0
	5.º - Francisco Raymundo Machado 6,9
2.ª Série B - Externos	1.º - Durval Lopes Conceição 8,4
	2.º - Ruy Peroti Barbosa 7,6
	3.º - Ely Silva Valente 7,3
	4.º - Adhemar Leite da Cunha 7,1
	5.º - David Moizes Abrão 7,1

Junho 1952

3.ª Série A - Internos	1.º - Laudseir Ferreira 6,5
	2.º - Laiz Coelho de Mello 6,3
3.ª Série B - Externos	1.º - Getúlio Francisco Vasconcelos 7,8
	2.º - Francisco Romano Conceição 7,1
	3.º - Antonio Carlos Araujo Lago 6,5
	4.º - José Laiz Mirra 6,3
	5.º - Charles Roberto Hipólito 6,2
4.ª Série	1.º - Rubem Augusto Taveira 9,5
	2.º - Murillo da Silva Bastos 8,5
	3.º - Laiz Carlos da Silveira 7,1
	4.º - Antonio José Arbes 7,1
	5.º - Alvaro José de Souza 6,8
1.ª Científico	1.º - Wilson Guimarães Moreira 8,0
	2.º - Pécio Monteiro de Carvalho 7,7
	3.º - Rui de Oliveira Pena 6,3
	4.º - Lair Fadel Flatt 6,3
	5.º - Atler Silva Valente 6,0
2.ª Científico	1.º - Tarcísio de Avila Rodrigues 8,3
	2.º - José Tabet 8,2
	3.º - Eloy Rocha 7,7
	4.º - José Carlos Grilo 6,7
	5.º - Fábio Oliveira de Maca 6,5
3.ª Científico	1.º - Herbert Guarnini Calhau 8,4
	2.º - Neyde Reis Aguiar 7,1
	3.º - Gilson Lauriano M. Sivanio 6,3

Saudação

*Os estudantes pedem-me que eu cante,
Dom André Arcoverde Cavalcanti,
Vossa vinda a Valença!...
Seja de bênçãos rica esta visita!...
E vós, hoje, bem vêdes, quão bendita
Por Deus foi vossa crença.*

*Vossa crença nos brios dessa gente
Desta vossa cidade, que, piamente,
Vos acolheu o zelo!...
E abraçou vossa ideia venturosa
Que desabrocha, agora, esplendorosa
Num Colégio modelo!...*

*Dom André Arcoverde!... Vosso nome
Conquistou nesta Terra tal renome
— Real consagração!...
É o Colégio revendo o fundador
Ao vosso peito vem depor a flôr
— Da maior gratidão!...*

*A semente deixada à cura amena
De Dom R-nato e Dom Rodolfo Pena
— Transformou-se em pomar...
E ao Monsenhor Tomás cabe a glória,
De rasgar, timoneiro, a trajetória
— Deste céu constelar!*

*Vinde, florinhas, das vergeis mimosas
Vinde, estrelas, e vós, almas ditosas,
— Vinde ver o troféu
De Dom André! De quantos o mar régio!...
E festas, palmas, vivas ao Colégio
— No argenteo jubileu!!!...*

De autoria de

Pe. José de Albuquerque

Recolido pelo colega Seraldo Borges

— Continuação da página 17.

ainda obrigatória no curso secundário. E filósofo das contradições psico-físicas do pessimismo elevado ao sumo grau de sua concentração química. E filósofo ainda dos paradoxos deletérios de um otimismo super miscelânico. Conclamava ao estudo os que queriam estudar, porque segundo ele, estudar fazia bem à saúde. E desalentava ainda mais, conduzindo ao desestudo, os que não queriam, porque, segundo ele, o estudo para esses não podia realmente fazer bem ao fígado. Foi, todavia, um bom professor. Re-

cordações do Dr. Cezar Vilares, que bigodudo como qualquer rei D. Manoel de Portugal, ensinava-nos o porquê das belezas do reino vegetal, confrontando-as com as desventuras dos componentes do rebanho animal. E, nas provas parciais, alguns colegas do reino, se sentiam ainda mais desventurados... Recordações do professor Mário Nogueira sempre a mastigar a ponta microscópica de seu inseparável cigarrinho apagado, e que foi um bandeirante desbravador. Professor de todas as matérias no curso de admissão, espécie de pau para toda obra, substituiu mais tarde o Tte. Consentino na cadeira de geografia. E como bom geógrafo mostrou a todos o porto de desembarque, de um final de curso. Muitos, todavia, naufragaram.. Recordações do então Paôre Tomás, que chegou zangado da Espanha. A sua disciplina era severa. A princípio não zangava falando. Zangava falando. A turma porém, mais por intuição do que por compreensão, entendia e procurava sair de fininho... Domou a turma com inolvidáveis aulas de história universal. E ao fim do curso, o Giló podia não se lembrar do nome do 1.º Vice Rei do Brasil Colonial, mas que Nabucodonosor comera capim ao fim da vida e que um tal de General Inverno vencera a Napoleão nas estepes russas, isso ele não se esqueceu jamais... Recordações de D. Santinha, a professora emérita de desenho, cujo nome diz tudo — uma santa. Quando chegavam ao ginásio, muitos alunos mal sabiam desenhar meia duzia de gatos pingados... Outros, nem isso. O meu amigo Chiquinho, coitadinho, como bom filho de criadores de gado de raça, saudoso da criação de seus pais, desenhava apenas um boizinho anêmico, solitário e triste... Eu, menino pobre de cidade pobre, rabiscava alguns cachorrinhos vira latas... Pois bem, D. Santinha, sem nos transformar num Picasso, ou num Portinari, no elevou à boa altura na arte do desenho... Recordações do caçula dos mestres, o professor Oscar Lopes, Cabeça desenvolvida de nordesta de Seridó, despontando sobre o terninho de seminarista aposentado, andar rápido e nervoso de atirador sem pontaria, o professor Oscar Lopes, culto e letrado, foi um bom mestre de francês. E não só de francês.

Continua na página 22

A instrução melhora os bons e corrige os maus

Saavedra Fajardo



Exmo. Sr. Benjamin Vieira Damasceno, o valenciano, de todas as horas sempre disposto a auxiliar e dar impulso a todo empreendimento que redunde em beneficio da cidade — O Colégio rende-lhe um preito de gratidão e reconhecimento.



Exmo. Sr. Benjamin Ferreira Guimarães Filho, D.D. representante da nobre e benemérita família Ferreira Guimarães, á cuja munificência se deve, em boa parte, o levantamento dos novos pavilhões. A mocidade Valenciana nunca poderá esquecer a dívida de gratidão e reconhecimento para a família, amiga e fidalga, Ferreira Guimarães.



— Continuação da página 20

De inglês e português, igualmente. Recordações dos inspetores como o Padre Izidoro, o Teófilo. Recordações ainda dos humildes servidores do velho e róseo casarão de linhas sóbrias. Com o Sebastião e o Luiz Borges, à frente. Sim esse mesmo Luiz Borges de vocês, magro e envergado como um cipó sem vida, com um par de olhos vivos e miudos como os de um chinês extraviado na California, com um bigodinho hitlerista bem plantado na face ressequida e no tópo disso tudo uma cabeleira esvoaçante de filósofo falido da nobreza decadente. Esse, o Luiz Borges, que, rápido como um perdi-gueiro entrevado, no refeitório matava-nos a fome com meia hora de atrato... Recordações, finalmente dos alunos, meus colegas dos velhos e bons tempos

Essas as evocações que me ocorrem à memória, neste dia de gala, para o Ginásio Valenciano São José, glorioso templo do saber, que fundado por D. André Arcoverde, um homem e um santo e consolidado por Monsenhor Tomás Tejerina, um administrador e um guia espiritual, tem a suprema ventura de desfrutar, em sua atual era de esplendor, das bênçãos de D. Rodolfo das Mercês, um incentivador e um virtuoso ministro de Deus.

E, contemplando hoje este gigante portentoso de cimento armado, do qual continuam a sair, anualmente, dezenas de jovens, tocados das elevadas virtudes bebidas nos exemplos de grandes chefes espirituais e dos conhecimentos auridos nas lições de mestres notáveis, sentimos na alma o transbordar de incontida satisfação, e sobretudo, porque não dizê-lo, um justificado e imenso orgulho. Orgulho de ver mantido bem vivo e bem alto aquele ideal que inspirava D. André em sua inolvidável iniciativa e que transitou inapagável de geração em geração. Ideal de educação propriamente dita. Ideal de educação moral e religiosa. Porque, realmente, como muito bem o disse, o general Pedro Cavalcante, não basta que o ideal transite de uma geração à outra. É sobretudo necessário saber conservar-lhe a chama.

Todavia, para que essa chama se mantivesse viva e crepitante, não foram poucos os sacrifícios vividos pelos intrépidos continuadores da obra de D. André.

Foi uma luta sem quartel, dura e ápera, que se consumou afinal, em vitória grandiosa, graças à ajuda divina e ao esforço e à abnegação de uma pleiade de bravos. Mas, meus senhores, é isso mesmo: "a grandeza de uma vitória mede-se pela dureza dos combates". Vitória realmente grande essa que se comemora neste dia de gloriosas ressonâncias.

E aqui estamos a formular ardentes votos para que permaneça intocado o ardor que anima os atuais responsáveis pela direção do Ginásio e vivifica o ideal de D. André.

Não importa que os anos corram. "Não importa que a neve caia. Mantem-te jovem, pouco importa a idade. Tem cada idade a sua juventude". É o poeta quem o diz. Sim, tem cada idade a sua juventude. O orador que lhes fala, ainda há pouco, recordou-lhes velhas passagens e como devem ter notado, deixou transparecer a sua saudade imensa, sem se mostrar entretanto preso àquele passado de coloridas venturas. Nem lhes recitou, com fingidas máguas, aqueles versinhos docemente sentimentais da lavra de um poeta romântico:

Tudo passa na vida... tudo finda...

A dôr mais triste... a ilusão mais linda...

É que o orador, meus senhores, mantém intacto aquele mesmo ardor, que o animava em tempos idos, quando no vigor de sua primeira juventude, daqui partiu rumo ao desconhecido. Ardor que é hoje nas barras dos tribunais o mesmo de outrora nas bancas escolares. Ardor que se faz sobretudo necessário, quando, na conformidade da lição do atual príncipe dos juristas brasileiros, o eminente ministro Orozimbo Nonato: "A prática da justiça não pôde atingir aquela perfeição que só dominou o mundo antes que o Anjo da Espada flamejante aparecesse às portas do Paraíso Perdido, para lembrar a reflexão amargurante de Hebel. Força é curvar-se,

~~~~~

Não ha no mundo missão mais nobre e sublime do que esta de dirigir os ânimos e formar os costumes dos jovens. — SÃO JOÃO CRISÓSTOMO

ainda em matéria de justiça, ao que vai de imperfeito neste mundo perituro, onde tantas vezes, pampea o erro no trono da verdade repulsa e enxovalhada”.

Ardor que se faz igualmente imprescindível quando se diz por aí, a boca pequena, que o advogado, “é um cavalheiro que põe os nossos bens a salvo de nossos inimigos e os guarda para si”.

E é esse ardor, esse fogo sagrado, que me concita a luta de todos os dias e que me faz esquecer passadas horas de ventura, também o possuem, em alto grau os dirigentes e professores deste glorioso educandário. E possuindo-o, mantêm bem vivas as melhores tradições do ginásio, cultivando, com brilho invulgar, os superiores princípios de educação humanística, moral e religiosa.

Rejubilêmo-nos, portanto, nesta data de galas inesquecíveis, alunos do passado e alunos do presente, com os nossos mestres de ontem e de hoje, pelo muito que estes fizeram e continuam a fazer, em prol daqueles superiores princípios.

Rejubilêmo-nos, ainda, com D. André Arcoverde, glorioso fundador e com Monseñhor Tomaz, grande consolidador do ginásio, pela obra meritória de ambos, que elevou bem alto o nome de Marquês de Valença no concêrto educacional do Brasil.

Rejubilêmo-nos, finalmente, com todos aqueles, que de qualquer modo, têm contribuído com seus donativos e com sua boa vontade para o engrandecimento do Ginásio Valenciano.

~~~~~

O homem prudente não diz tudo quanto pensa, mas
pensa tudo quanto diz — ARISTÓTELES

~~~~~

Alunos da 2.ª Série A



# Discurso do Prof. Mário Nogueira Filho



No dia 8 de Junho de 1927, a "Princesa das Serras" colocava mais um brilhante em sua joia preciosa, trabalhado pelo seu primeiro Bispo Diocesano, Dom André de Albuquerque Cavalcanti, com a fundação do Ginásio Municipal Valenciano São José.

Um acontecimento inédito nos anais da histórica cidade e uma fortaleza inexpugnável contra as pretensões do analfabetismo em nossa terra.

Conseguiu S. Excia. Rvma. a sua primeira vitória, muito embora tivesse que enfrentar os mais sérios obstáculos, pois que se tratava da manutenção de um estabelecimento de ensino secundário, com internato e externato.

Enfrentar, naquela época, as exigências do Ministério da Educação e Saúde, a fim de obter a oficialização do seu Ginásio, com os poucos recursos de que dispunha, só mesmo um DOM ANDRÉ, valente soldado de CRISTO e um abnegado apóstolo do ensino.

Como a Cruz é o símbolo da Fé, S. Excia. Rvma. revestido de um caráter nobre, transferiu o seu modesto trono episcopal para uma das dependências do velho casarão onde funcionava o Ginásio São José, para assistir em suas múltiplas necessidades, o novel educandário.

Seu trabalho era insano e sua preocupação, maior ainda, de vez que, há 25 anos passados, a organização de um corpo docente além de outras exigências da Superintendência do Ensino Secundário, constituía um problema difícilíssimo.

A abnegação do Bispo era tamanha, que somente um IDEAL seria capaz de exprimir toda aquela grandeza de espírito.

É isto, precisamente!

Os IDEAIS são como as estrelas; estão fora do nosso alcance, porém, do mesmo modo que o navegante se guia pelos astros, podemos guiar-nos pelo IDEAL, para chegarmos ao nosso destino.

E DOM ANDRÉ venceu esta batalha, porque lutava por um IDEAL, por uma causa tão justa quanto nobre, qual seja a da formação moral e intelectual de um punhado de jovens que, no início, seriam os artífices de tamanha empresa.

Por motivos alheios à sua vontade, não pôde S. Excia. Rvma. dar prosseguimento à sua tarefa, mas deixou-nos um grande exemplo, ensinando-nos a construir para a eternidade, esta obra gigantesca, onde as gerações futuras encontrarão um trampolim para novas conquistas, na estrada de Cristo, Nosso Senhor, sob os auspícios das bandeiras pontificia e brasileira.

Para continuar o trabalho de DOM ANDRÉ, surgiu o Mons. Tomás Tejerina de Prado, que, arcando com as responsabilidades da direção do Ginásio, pôde ser considerado o incansável, o progressista, o homem cérebro.

Ao Mons. Tomás Tejerina muito deve a mocidade valenciana e porque não dizer o Brasil?

Sim, meus senhores, porque o Mons. Tejerina é um estrangeiro, um espanhol que também aprendeu a amar e a querer bem ao Brasil mais que muitos brasileiros, talvez.

Há 21 anos, eu e êle trabalhamos juntos neste educandário, por onde já desfilarão milhares de jovens de todos os recantos da Pátria, muitos dos quais, hoje, nos brindam com um título de médico, engenheiro, advogado, dentista, professor, contador etc.

Não preciso falar das virtudes, da cultura e da capacidade de administração de Mons. Tejerina de Prado, porque outros já o fizeram e esta data memorável de 23 de junho de 1952, há de ecoar por todos os quadrantes da cidade de Marquês de Valença, apontando-o como um dos seus benfeitores.

Por isto mesmo, em sinal de gratidão, na portaria do Colégio, há uma inscrição, em mármore, a êle dedicada pelos corpos docente e discente; além do título de Cidadão Valenciano, que lhe fôra conferido.

A DOM RODOLFO DAS MERCÊS DE OLIVEIRA PENA, estimado Bispo Diocesano, o Colégio São José dedica um capítulo da sua história, em reconhecimento pelas sábias diretrizes de um pastor zeloso e humilde, da grande família católica da Diocese de Valença.

## Encontro com o Passado

As solenidades do 25.º aniversário do do nosso querido Colégio, foi como que um encontro com o passado. Com que emoção nós, ex-alunos, transpusemos o portão logo após a ponte e fitamos o magestoso edifício do novo Colégio com misto de tristeza e alegria: tristeza por vermos que do antigo casarão, tão nosso conhecido, nada mais restava que a lembrança em nossa memória e alegria porque não notávamos apenas a transformação material pois havia algo de espiritual pairando no ar!...

E reencontramos D. André, aquele mesmo D. André bondoso, diligente, sizado e bonachão, a rememorar conosco os tempos de antanho...

E Monsenhor Tomás, o nosso estimado Pe. Tomás, sempre bem disposto, come que a zombar do tempo com o mesmo ardor de vinte anos passados, a empreender novas iniciativas, a se impor pela cultura e capacidade administrativa à admiração de seus alunos e de toda Valença...

Por fim o desfile de recordações. Cada ex-colega que usava a palavra era para reviver o passado, contar um pouco a história do Colégio, um desdobramento de pedaços de nós mesmos...

Nunca porém o futuro esteve tão perto do passado como naquele presente observado por dezenas de gerações que por lá passaram!

Brotou então em todos nós um mesmo desejo, uma mesma ideia, ideia tão espontânea que não teve pai, porque vinha bailando em nosso espírito uma mesma pergunta: por que não ligarmos o presente ao passado? Surgiu daí a fundação da ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO VALENCIANO S. JOSÉ. Foi eleita a Diretoria provisória — Presidente LELIO

— Continuação da página anterior

Antes de terminar este despretencioso trabalho, quero deixar, aqui, os meus agradecimentos aos ex-alunos, congratulando-me com eles nesta grande festa que é deles e minha também.

E agora tú, ó MOCIDADE do meu Brasil, ouve em silêncio, o que te quero di-

AMARAL, da primeira turma do Ginásio, Tesoureiro JOSÉ WILSON DE A. AVILA e o Secretário será nomeado ad-hoc.

Teremos um almoço anual, oferecido à Associação por Monsenhor Tomás e outras atividades que com o decorrer do tempo todos virão a conhecer.

Doravante estaremos em contato permanente com o Colégio através de nossa Associação e tudo faremos para o maior congraçamento entre alunos e ex-alunos, procurando ligar o passado ao futuro através do presente.

JOSÉ BARRA SOBRINHO

## Contraste



Quando partimos, no vigor dos anos,  
Da vida pela estrada florescente,  
As esperanças vão conosco à frente  
E vão ficando atrás os desenganos.

Rindo e cantando, céleres e ufanos,  
Vamos marchando descuidosamente...  
Eis que chega a velhice, de repente,  
Desfazendo ilusões, matando enganos!

E é só então que vemos claramente  
Quanto a existência é rápida e falaz!  
E vemos que sucede exatamente

O contrário dos tempos de rapaz:  
Os desenganos vão conosco à frente  
E as esperanças vão ficando atrás!

PADRE ANTÔNIO TOMÁS

zer e guarda no íntimo do teu coração jovem e puro a recordação deste Jubileu de Prata, para sonhares com o Jubileu de Ouro do nosso querido Colégio São José!

Vai, MOCIDADE, pela estrada de Cristo Rei e ensina o que aprendeste, hoje, pelo amor e pelo bem do Brasil!

MÁRIO NOGUEIRA FILHO

# Monsenhor Tomás, dia da festa

## No auditorium

Exmos. e Revmos. Srs. Bispos.

Exmas. Autoridades presentes.

Exmo. Sr. Celso Chagas Gomes, representante da nobre e fidalga família Ferreira Guimarães, grande benfeitora e amiga do Colégio Valenciano São José.

Exmas. Representações das diversas classes da cidade.

Revmo. Clero.

Prezados Professores, Alunos e Ex-alunos.

Exmas. Sras., Srs. todos que nos honrais com vossa presença.

20 anos á frente desta casa, com a responsabilidade de guiar os moços que a ela se acolhem, constituem a única razão e o único título de minhas palavras, nesta solene e memorável noite.

Como viandantes que deixam por uns tempos suas tarefas quotidianas e se aproximam do mar, para recrear-se e admirar suas maravilhas, perguntando-lhe com o olhar os mistérios que encerra na imensidade de suas regiões abissais, assim também contemplávamos, hoje, de manhã, esse mar de cabeças juvenis, constituído por centenas de crianças e de moços, encerrando, cada um dentro de si, maravilhas e mistérios muito mais sublimes que as maravilhas e os mistérios do mar.

A infância e a mocidade exercem, sempre, irresistível atração; essa atração que, na primavera, sente o agricultor diante de seus campos verdejantes, prometedores, aos quais parece perguntar, fitando-os com amor;



que me dareis meus campos? e como o hábil jardineiro que diante dos botões que apontam em suas roseiras, começa a sentir o encanto que as futuras rosas darão ao seu jardim. Diante da mocidade uma esperança é o primeiro que parece florir em nosso coração, e um sorriso se desenha em nossos lábios.

A esperança que irradia essa humanidade, graciosa e alegre, doce e sonhadora, cuja alma está tecida de contento, de ilusões e de amor; essa humanidade que vive, ainda, numa paz, quasi paradisiaca, jogando e rindo, como que suspensa sobre a realidade da vida por um fio de luz, num mundo de ilusões e de sonhos. Nessas frentes serenas, nesses olhos brilhantes, nesses corações sem dolo e sem mentira, nesses membros e faculdades, ainda em formação, dorme, placidamente, todo um porvir: o futuro de um mundo, que talvez nem sonhamos.

Passarão os anos e como dizia o eminente pensador Rodó, essa aparente fraqueza da infancia e da mocidade se transformará, agitando bandeiras a luz de auroras para nós desconhecidas: auroras que exclamam dúvidas sobre as quais se debatia, inutilmente, nosso pensamento; que presenciarão a ruína de muitas coisas que nós considerávamos seguras e imutáveis; que destruirão erros em que acreditávamos e injustiças que deixamos em pé; os que no futuro nos condenarão, ou absolverão, pronunciando o falho definitivo sobre nossas obras, decidindo assim do esquecimento ou consagração do nosso nome.

O futuro da Humanidade está, certamente, nesse mundo juvenil, todo contento e amor; porém, onde estão, dentro desse mundo de cabeças louras e de olhos vivos, os que, um dia a impulsos do genio, indicarão rumos e levantarão fachos de luz e de glória? Quais são entre tantos, os que levam em seu braço o símbolo do poder, e no fundo dos seus olhos, a faísca creadora da chama sagrada? Quais são os que serão leões por sua bravura ou aguias por seu genio? Onde estão os privilegiados da natureza, ou os eleitos dos deuses, como diria um pagão, para levanta-los sobre nossas cabeças antes que perigos mil se interponham em sua carreira?

Descobrir essas pérolas, as vezes ocultas em ostras que não despertam, grandemente, nossa atenção; revelar os mistérios que se encerram na alma infante e do jovem, eis aí, a tarefa árdua, difícil, espinhosa, delicada ao extremo, porém a mais nobre que pode caber a um homem com relação aos seus semelhantes ou a sua Patria. É esta, por excelencia, a tarefa do professor e do educador. Esta a nobre missão que, um dia, divisasteis, Exmo. Sr. D. André Arco-Verde, com clareza meridiana, e abraçasteis de alma e coração.

Sobre qualquer dessas cabeças juvenis que, cada ano se elevam uma polegada sobre o chão, sobre qualquer dessas testas, sobre as quais passeamos, frequentemente, nosso olhar indiferente, podem aparecer, talentos, energias ou genios de valor incalculavel. Conta-se que, quando Erasmo era criança, Agrícola de Holanda, contemplando aquela testa larga e aquele olhar vibrante exclamou: "tu cris magnus" tu serás grande; nas rúas de uma cidade de estudantes, Alcalá, um menino de olhos vivos, se inclina para apanhar do chão os papeis que encontra impressos, guarda-os com carinho; este menino é Miguel de Cervantes; aquele outro que, nos patios de uma escola de párvulos, recita coplas de seus colegas, pedindo que as copiem, porque êje, ainda não sabe escrever, é Lope de Vega. Lá no vale de Chiana, diante das pedreiras de marmore, que formarão a canne dos heroes e dos deuses, passa horas inteiras, estático, um menino, que, anos depois, realizando prodigios nesse mesmo marmore, passará a historia com o nome de Buonarroti.

E aquele pequeno, quasi mal trapilho, que na Sevilha imperial, armado de um pedaço de carvão, desenha toscas figuras nas paredes das casas, será, andando o tempo, o pincel glorioso de Murillo.

Porém estes genios precoces; estes avisos patentes da natureza, pondo de manifesto a vocação da criança, nem são muito frequentes, nem constituem garantia de que o tempo desenvolverá e ativará a vocação manifesta.

Diversos elementos, voluntarios uns; involuntarios outros; influencias do meio; acerto ou desacerto na orientação da criança, podem apagar ou modificar a natural vocação, convertendo em pedra vulgar o que a natureza destinara a ser legítimo brilhante — Em meio destes, pouco numerosos jovens,

*Os que mais pugnam por seus direitos são, geralmente, os que mais se esquecem dos seus deveres.*

que sentem forte, patente, a natural vocação, está a massa comum dos desorientados que não têm consciência de sua vocação; que perderam a noção dos seus primeiros impulsos de pensamento e ação.

Impulsar o genio precoce e a vocação manifesta dos primeiros, e despertar as, aparentemente, mortas tendencias vocacionais dos segundos, é uma das mais importantes tarefas do educador.

Na pedagogia moderna, de cujos progressos ninguém pode duvidar, o orientador educacional constitue elemento de primeira ordem para a descoberta dos valores reais do individuo; valores que não são outra coisa do que a posta em marcha, poderamos dizer, das aptidões e energias naturais do jovem. Tarefa, verdadeiramente, nada fácil, dados os diversos elementos que podem modificar as tendencias naturais e desvirtuar a ação do educador, por tratar-se de um ser racional e livre o pupilo sob seus cuidados. Como a semente que leva em seu embrião o vigor e a beleza da futura planta, só dará solta aos misterios que encerra, quando em circunstancias favoraveis fôr lançada ao seio da terra; assim na alma misteriosa do

jovem, poderão encontrar-se germes de atividade fecunda, mas é preciso, para o normal desenvolvimento, que encontrem campo propicio, e este campo, comumente, é o Colégio. Como do amanho da terra depende, em grande parte, a quantidade e a qualidade dos frutos, da mesma forma, dos cuidados dispensados aos jovens por hateris e espertos educadores, dependerão, em boa parte, a quantidade e a delicadeza dos frutos que deles esperamos.

Para espiritos superficiais, conhece lores pouco profundos da alma do jovem, profanos em Psicologia e Pedagogia, fundar e manter um Colégio é coisa muito simples e muito fácil: — prédio, material escolar, alunos que se matriculem e uns surs que se prestem a acompanhar os capitulos de uns livros adotados como texto, e cuja materia, no fim do ano, deve o aluno guardar na memoria para evitar uma reprovação — E isto surs não é educar; isto não é desenvolver as faculdades que, adormecidas, se encontram na alma do jovem: isto poderá se lapidar, apenas, uma das facetas do bri-

Alunos da 3.<sup>a</sup> Série





EMMO Snr. CORONEL CARDOSO, doador da magnífica chácara em que se levanta o Colégio — Ele compreendeu admiravelmente o que a instrução representa para uma cidade, e, juntamente com Dom André, pode ser considerado como o pioneiro da instrução secundária em Valença.



lhante que deve ser toda alma jovem. Educar importa muito mais: importa lapidar, com habilidade, todas as facetas da alma do jovem: a parte intelectual, pela aquisição da verdade; a parte moral, pela prática da virtude; a parte cívica, para prepararmos elementos úteis à comunidade social; e a parte física para obtermos um ser sadio, forte, prudente, honesto e disposto a vencer as dificuldades da vida, enfrentando-as com fé e confiança.

Só este desenvolvimento harmónico de todas as faculdades merece, no verdadeiro sentido, o nome de educação. A história nos diz, como se iludiram aqueles corifeus da Cultura intelectual, aqueles fundadores da KULTURKANS, que pensaram encontrar o engrandecimento e a felicidade dos povos no desenvolvimento, apenas, das faculdades intelectuais, deixando de lado a formação do coração!... Cada escola, que se abre, é uma cadeia que se fecha, vaticinava, candidamente, um grande mestre francês — E o tempo, esse juiz inoxidável de tantas coisas, viria demonstrar todo o contrario. Nunca houve tantas escolas e tantos mestres, e nunca se cometeram tantos e tão abomináveis crimes como em nossos dias — O que quer dizer que só a cultura não completa a finalidade da educação: não prepara elementos aptos e úteis à vida social — que ciência sem honradez, sem honestidade, sem espírito de solidariedade, sem virtudes reli-

gias e cívicas, não constitui base de engrandecimento individual e social. O exemplo de varios povos de cuja ciência ou cultura ninguém, prudentemente, pode duvidar, são uma magnífica confirmação desta velha doutrina da boa razão. Frequentemente ouve-se falar em reeducação, quando eu creio devia dizer-se, simplesmente, educação.

Se o problema da educação dos moços foi sempre difícil e delicado, de maneira especial o é nos nossos dias, porque aos intrincados labirintos que sempre encerra a alma dos jovens, temos de juntar as perniciosas influências que os rodeiam por toda parte. Por um lado o desmoraçamento da vida do lar, a falta de convivência familiar, parece que endurecem e incencibilizam o coração e obscurecem a intelligencia das crianças, que não encontrando em casa a dedicação, os cuidados e orientação que sua idade exige, se atiram á rua, a procura de companhias, de diversões, de passatempo e de leituras a maior parte das vezes, companhias, diversões e leituras inconvenientes que satisfazam as naturais aspirações da criança; por outra parte a falta de formação religiosa, respirada num ambiente paganizado e egoista, em que para uma grande maioria, nada contam e nada representam, a nobreza da virtude, o idealismo dos atos heróicos, o sacrificio por um ideal elevado, a obediência no sentido cristão e a renúncia á caprichos e ás más inclinações, constituem verdadeiro problema

que continueo cultivando como patrióta, me dediquei, com todo o ardor de minha mocidade, com as energias de minha saúde e com todos os recursos de minha curta intelligência, a servir, leal e sinceramente, de alma e de coração á diocese e á Pátria onde me radicara.

E aqui, colocado primeiramente por V. Excia. D. André, e confirmado por vossos successores, decorreram 20 anos; certamente, os melhores anos de minha existência — Contando com o auxilio da providencia divina, com os sabios conselhos e seguras orientações de meus superiores e de meus colegas no sacerdocio, como Mons. Salerno, o Conego Luna, com persistência e boa vontade, procurei guiar o leme do collegio, e orientar para o bem individual e social, os que a elle se acolheram ou se acolhem no momento.

Os que nesta casa têm convivido comigo sabem que nunca recusei sacrificios, e que meu ideal, em Valença, tem sido, em todo momento, elevar o Colégio á altura que os jovens merecem; minha maior satisfação

ver progredir os alumnos; e minha maior alegria, contribuir á melhor formação possível destes jovens, entregues aos meus cuidados, e saber que aproveitam, que vencem nos caminhos da vida, que honram o Collegio com suas vitórias e sua vida de homens dignos, laboriosos, idealistas e agradecidos.

E para terminar, Exmos. Surs., quero deixar aqui bem patente meu mais sincero e cordial agradecimento a todos quantos têm contribuido para que Valença, e de maneira especial a diocese, possam orgulhar-se, neste dia jubilar, de possuir um dos modelares estabelecimentos de Ensino do Estado, onde os jovens encontrem orientação sadia e segura nos caminhos da vida.

Aos professores e auxiliares de administração; aos amigos e benfeitores, aos surs. pais de alumnos que nos honraram ou continuam a nos honrar com sua confiança; a todos quantos têm contribuido para o êxito desta obra e o brilhantismo desta festa, em nome do Collegio e no meu proprio o preito de sincera e eterna gratidão.



## Discurso do ex-aluno

Lelio Amaral

Não precisaria levantar minha voz neste lugar de recordações, nesta festa tão cordial e amiga. Melhor seria que me recolhesse ao meu lugar de assistente ou de ouvinte, sentindo apenas reviver para recordar e deixar o coração bater de saudades e mais saudades tão somente. Mas queridissimo Pastor, fala mais alto o proprio coração, e, elle me ordena que hoje, nesta oportunidade mais que feliz, faça o agradecimento que ainda não tinha sido possível de se concretizar.

Remontar o passado, é revolver montões de cenas esquecidas mas não mortas ainda, e, por vezes, as suas lembranças incomodam a alma, ferem o coração, fazendo brotar lágrimas de saudades ou de pezar pelo bem ou pelo mal que praticamos.

Deixemo-las adormecidas entretanto; não revolvamos suas cinzas e consideremo-las reliquias do passado; daquele passado de sacrificios e destemor em que agora focalizo com justiça e merecimento — a bondade e o espirito de luta de V. Excia. Revma. D. André, a boa vontade daqueles mestres saudosos — os primeiros deste collegio, cujos nomes peço licença para pronunciar com o devido respeito e saudade: Professores: Lucio, Raul Nunes, Ariosto Espinheira, Consentino, Zenobio, Carlos Luiz Jannuzzi, D. Santinha, Mons. Salerno e muitos outros, mencionando tambem, como preito de gratidão, o Cel. Manuel J. Cardoso que doou o predio ao ginasio e ainda a esperança de tões proprios que, usufruindo de vossas conquistas lutavamos tambem em face dos poucos recursos que dispunha aquele ginasio de outrora.

# Agradecimento

*A direção, o corpo docente e discente*

*agradecem a cooperação emprestada por todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para maior brilhantismo das festividades jubileares.*

V. Excia. Revma. distanciou-se deste recanto e por outras Dioceses lembrou sempre do fruto aqui plantado — de sua obra que haveria de ter continuadores, que haveria de crescer e tornar-se um verdadeiro orgulho desta minha cidade querida. O tempo correu célere e vossos alunos, principalmente os das 2 primeiras turmas, hoje, com os cabelos grisalhos não vos esqueceram e um ou outro, menos feliz por esta vida de Deus, mesmo assim, comunga ainda daquela mesma união que nos ligava naquele inesquecível período da mocidade. Aquele ginásio que nos viu crescer, que embalou nossos primeiros azeitos, que fazia parte de nossas vidas, agigantou-se alardeando fama e renome. Seus novos dirigentes, de direção em direção, animados pelo vosso exemplo e mesmo a custo de lutas incessantes fizeram-nos como aí está: UM GRANDE EDUCANDÁRIO—por onde tem passado tantas gerações que têm conseguido no Direito e na Medicina, nas Armas e na Engenharia, na Contabilidade e em tantos outros setores da vida — verdadeiros e significativos lugares de destaque.

25 anos! um longo período de atividades ininterruptas e no qual nem um só momento foi o vosso nome olvidado, por isso, a festividade do jubileu de nosso Ginásio não poderia prescindir de vossa augusta pessoa.

Pena que todo o povo desta cidade não esteja compartilhando desta prova de gratidão, pena também que aqui não se enfileiram entre nós outros — por vontade de Deus, todos aqueles que vos acompanharam naquela jornada, lutando ombro a ombro pela grandeza de Marquês de Valença, para vê-la incluída entre tantas outras que primam em dar a seus filhos — um colégio a altura de suas próprias tradições e que possibilitam assim, encaminhá-los aos cursos superiores, esperançosos de uma vitória completa que lhes assegure um risonho futuro. Não servem minhas palavras para uma saudação primorosa, são simples demais, constituem apenas

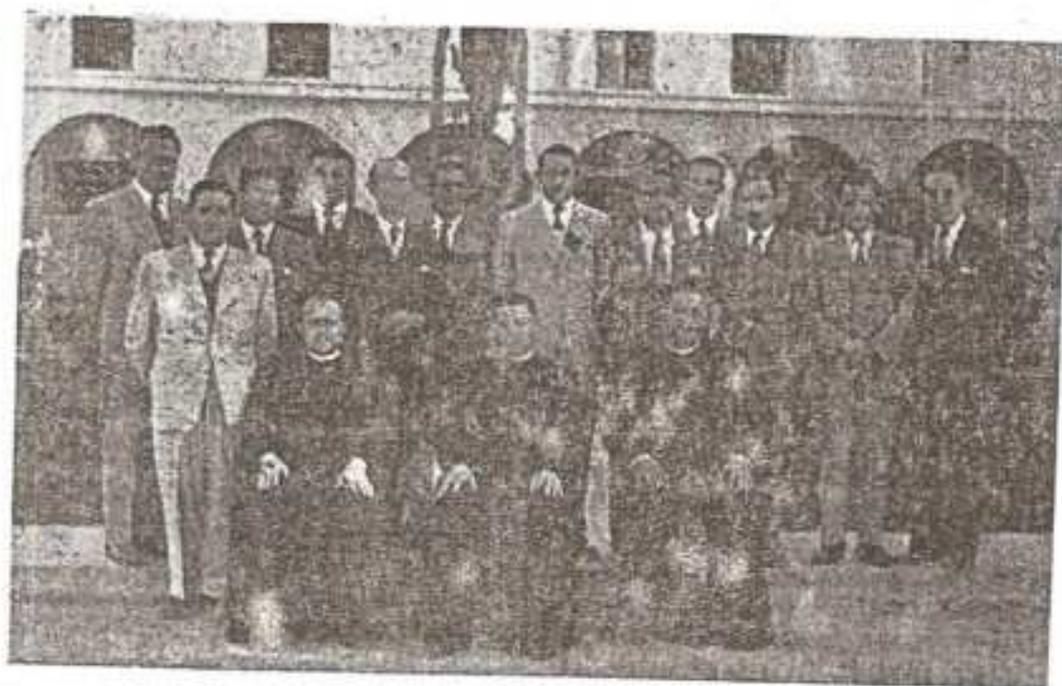
e mui ligeiramente desabafos que estavam adormecidos e V. Excia. Revma. ainda ouvirá de outros que por aqui passaram e que em verdade, são mentalidades-ouro e que hão de produzir orações cheias de um colorido e de uma beleza que prendem e fascinam, encantam e satisfazem. Entretanto, a bondade e a gentileza de Mons. Tejerina colocaram em minhas mãos, sem razão de ser o desempenho desta missão, que é honra demais para mim que não sei dar o realce e esplendor que o momento exige.

Do passado que foi ontem até os dias em que vivemos — a lembrança de vosso nome — a vossa figura de condutor de almas, a vossa austeridade quando necessária, a vossa segurança nas decisões e finalmente todo o esforço e bondade que sempre caracterizaram todas as vossas ações — ninguém esqueceu — perpetuando aqui como símbolo de respeito e gratidão dia após dia. Até aqui, V. Excia. Revma. sempre esteve em nossos corações e este monumento, simbolizando o que não sei dizer com palavras, dirá para a eternidade, que em Marquês de Valença houve um PAI DA INSTRUÇÃO que não medindo sacrifícios e na qualidade de seu 1.º Bispo, soube prestar tão inestimável serviço. Vosso nome — uma legenda e uma inspiração, vosso trabalho dedicado — estímulo e perseverança e a homenagem singela que aqui fica toda inspirada no vosso augusto Nome, será daqui para o futuro, o local onde todos — mestres e alunos, virão buscar inspiração, força e animo para combater as trevas da ignorância e melhor ministrarem seus conhecimentos.

A homenagem é ainda pouca para quem fez muito, mas grandiosa e há de receber as bênçãos de Deus e neste pedestal ficarão indelevelmente assinalados, rompendo anos e mais anos, todo o nosso reconhecimento, gratidão e respeito por quem como V. Excia. Revma. sem receber nada — deu amor, trabalho e a certeza desta vitória que é a realidade deste grandioso Ginásio.

# Corpo Docente

Publicando a relação do atual corpo docente, tributamos uma homenagem especial aos professores que em qualquer tempo, tenham exercido atividade profissional nêsse educandário.



## ATUAL CORPO DOCENTE

Monsenhor TOMÁS T. DE PRADO  
Padre JOSÉ DE ALBUQUERQUE  
Padre ADOLFO TÊSTA

Professores :

MÁRIO NOGUEIRA FILHO  
JOSÉ WILSON DE ANDRADE  
NILO BORGES GRACIOSA  
JOAQUIM DE OLIVEIRA ALVES  
GERALDO NEVES MEDEIROS

DERMEVAL MOURA FILHO  
LUND FERNANDES VILLELA  
EUCLIDES MIRANDA  
NEMÉSIO TEJERINA DE PRADO  
Profa. ODETE C. DA SILVEIRA

Professores :

ENZO DESIDERATI  
ALAYS LEITE PINTO  
JOSÉ COIMBRA

# SOCIAIS

No dia 1º do próximo mês de setembro transcorrerá mais um aniversário natalício do Exmo. Sr. Benjamin Ferreira Guimarães Filho de cuja fidalguia e nobreza tantas provas tem recebido as obras sociais desta cidade e, de maneira especial, o Colégio Valenciano São José, o qual se honra em considera-lo como um dos seus grandes amigos e benfeitores. Junto com os votos de muitas felicidades pedimos a Deus muitas bênçãos e graças para o Sr. Benjamin e sua Exma. Família.

No dia 17 do mesmo mês de setembro transcorrerá o aniversário natalício do Rev. Conego Natanael de Veras Alcantara, D.D. Vigário da cidade; ao Rev. Conego Natanael os parabéns da CULTURA.

No dia 24 celebrará sua festa Onomástica o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Rodolfo das Mercês de Oliveira Penna. O Colégio Valenciano São José associa-se às homenagens que a cidade prestará ao querido pastor que durante 10 anos vem enriquecendo a Diocese e, principalmente, a cidade de Valença, de eminentes obras sociais, culturais e espirituais.

Que Nossa Senhora das Mercês o conserve longos anos entre nós são os votos dos Corpos docente e discente do Colégio Valenciano.

No dia 3 do corrente mês de agosto foi inaugurada a sede da Associação Diocesana de Auxílio à Velhice Desamparada, sob o título de "Casa de São Vicente" onde já estão recebendo os benefícios desta magnífica obra de caridade, varios velhos de ambos sexos, sob a direção das Religiosas do Divino Zêlo, vindas para este fim da Italia. Certamente este empreendimento, realizado em curto espaço de tempo, constitui o acontecimento mais importante do ano para o Município. A assistência social aos desherdados da fortuna está, agora, completa em Valença.

No dia 5 tivemos a honra de receber a visita ao Colégio do Exmo. Sr. Embaixador de Venezuela, o qual vinha acompanhado do Exmo. Sr. Comendador, José de Siqueira Silva da Fonseca, Suas Excias. percorreram as principais instalações do Colégio admirando as modernas instalações, principalmente, do pavilhão destinado ao Curso Científico.

## Relação das matrículas havidas no colégio desde sua fundação:

### Período de 1928 a 1932

|      |    |            |     |
|------|----|------------|-----|
| 1928 | 75 | matrículas |     |
| 1929 | 68 | "          |     |
| 1930 | 58 | "          |     |
| 1931 | 43 | "          |     |
| 1932 | 80 | "          | 324 |

Média do Internato 23 a 28

### 1933 a 1937

|      |     |            |     |
|------|-----|------------|-----|
| 1933 | 74  | matrículas |     |
| 1934 | 61  | "          |     |
| 1935 | 76  | "          |     |
| 1936 | 73  | "          |     |
| 1937 | 111 | "          | 398 |

Média do Internato 35 a 40

### 1938 a 1942

|      |     |            |     |
|------|-----|------------|-----|
| 1938 | 100 | matrículas |     |
| 1939 | 114 | "          |     |
| 1940 | 136 | "          |     |
| 1941 | 155 | "          |     |
| 1942 | 172 | "          | 677 |

Média do Internato 75 a 80

### 1943 e 1947

|      |     |            |      |
|------|-----|------------|------|
| 1943 | 170 | matrículas |      |
| 1944 | 199 | "          |      |
| 1945 | 229 | "          |      |
| 1946 | 238 | "          |      |
| 1947 | 279 | "          | 1115 |

Média do Internato 135 a 145

### 1948 a 1952

|      |     |            |      |
|------|-----|------------|------|
| 1948 | 315 | matrículas |      |
| 1949 | 330 | "          |      |
| 1950 | 315 | "          |      |
| 1951 | 320 | "          |      |
| 1952 | 341 | "          | 1621 |

Média do Internato 190 a 200

Total de alunos matriculados durante os 25 anos de funcionamento do Colégio Valenciano São José 4135

### Relação do Diretores do Colégio desde sua fundação

|         |                                        |
|---------|----------------------------------------|
| 1927-30 | Dom André Arcoverde                    |
| 1930-32 | Os RR. PP. Agostins. do Escorial (Esp) |
| 1932-36 | Dom André Arcoverde                    |
| 1937-52 | Mons. Tomás Tejerina de Prado          |

# QUADRO DE HONRA

Agosto de 1952

## Curso Primário

|                                     |     |
|-------------------------------------|-----|
| 1.º - Manoel Rodrigues de Souza     | 9,0 |
| 2.º - Ede Francisco da G. Gonçalves | 7,8 |
| 3.º - Acácio Santos Pinheiro Ferro  | 7,7 |
| 4.º - Paulo Antonio W. de Lacerda   | 7,5 |
| 5.º - Luiz Carlos de Almeida        | 7,2 |

## Curso de Admissão

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| 1.º - Wilton Guimarães Moreira | 8,2 |
| 2.º - Jair Ferreira Pacheco    | 7,2 |
| 3.º - Edson Figueira           | 6,7 |
| 4.º - José Shimoide            | 6,5 |
| 5.º - Nelson Martins Duarte    | 6,3 |

## 1.ª Série A - Internos

|                                    |     |
|------------------------------------|-----|
| 1.º - Cezar Lopes Viviani          | 8,3 |
| 2.º - Fabiano Carvalho de Oliveira | 7,2 |
| 3.º - Carlos Francisco C. de Sá    | 7,1 |
| 4.º - Takashi Shimoide             | 6,9 |
| 5.º - João Bosco dos Reis Sales    | 6,7 |

## 1.ª Série B - Externos

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| 1.º - Luiz Carlos L. Pinto Garcia | 7,9 |
| 2.º - Hugo Peroti Barbosa         | 7,5 |
| 3.º - Enijan Villarinho Figueira  | 7,4 |
| 4.º - Celion Robert de A. Araujo  | 6,9 |
| 5.º - Humberto Moizez Abraão      | 6,9 |

## 2.ª Série A - Internos

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| 1.º - José Americo A. Bittencourt | 8,4 |
| 2.º - Tarcisio Novais de Almeida  | 7,3 |
| 3.º - Francisco Raymundo Machado  | 6,5 |
| 4.º - Luiz de Brito               | 6,5 |
| 5.º - Luiz Gonzaga Machado        | 6,4 |

## 2.ª Série B - Externos

|                                |     |
|--------------------------------|-----|
| 1.º - Durval Lopes Conceição   | 8,3 |
| 2.º - Ely Silva Valente        | 7,0 |
| 3.º - Mário Pellegrini Cupello | 6,9 |
| 4.º - Ruy Peroti Barbosa       | 6,8 |
| 5.º - Eduardo Guida Lameira    | 6,5 |

## 3. Série A - Internos

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 1.º - Carlos Alberto P. da Cunha | 6,7 |
| 2.º - Fábio Amancio              | 6,7 |
| 3.º - José Valente Silva         | 6,6 |
| 4.º - Laudenor Ferreira          | 6,5 |
| 5.º - Luiz Coelho de Mello       | 6,5 |

## 3.ª Série B - Externos

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| 1.º - Getúlio Francisco Vasconcellos | 8,8 |
| 2.º - Antonio Carlos Araujo Lago     | 7,9 |
| 3.º - Francisco Romano Conceição     | 7,0 |
| 4.º - Ruy Paulo Soares               | 7,0 |
| 5.º - Charles Roberto Hipólito       | 6,8 |

## 4.ª Série

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| 1.º - Rubem Augusto Taveira   | 9,0 |
| 2.º - Murillo da Silva Bastos | 7,5 |
| 3.º - Ladislau Jayme Fonseca  | 6,4 |
| 4.º - Paulo Valente Filho     | 6,4 |
| 5.º - Munir Assis             | 6,3 |

## 1.º Científico

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| 1.º - Wilson Guimarães Moreira    | 8,5 |
| 2.º - Pircio Monteiro de Carvalho | 7,5 |
| 3.º - Enio Eduardo Guedes         | 6,6 |
| 4.º - Miguel Augusto Pellegrini   | 6,3 |
| 6.º - Rui de Oliveira Pena        | 6,2 |

## 2.º Científico

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| 1.º - José Tabet                  | 9,0 |
| 2.º - Tarcisio de Avila Rodrigues | 8,2 |
| 3.º - Eloy Rocha                  | 8,1 |
| 4.º - José Raul da Costa Machado  | 7,5 |
| 5.º - José Carlos Grijó           | 7,4 |

## 3.º Científico

|                              |     |
|------------------------------|-----|
| 1.º - Herbert Guarini Calhau | 8,3 |
| 2.º - Neyde Reis Aguiar      | 6,7 |
| 3.º - Helio Pereira          | 6,0 |
| 4.º -                        |     |
| 5.º -                        |     |

# ESPORTE

Sob a direção do prof. Antonio Assunção realizaram-se as provas esportivas para o jubileu de prata.

Destacou-se a ginástica musicada que proporcionou aos presentes soberba impressão.

Em todas as provas, sentiu-se o ardor demonstrado pelos concorrentes e os presentes não regatearam aplausos pelo belo espetáculo apresentado.

## NOIVADO

Pelo Sr. Chucralla Tabet, para seu sobrinho, Dr. Sahione, foi pedida em casamento a gentil Srta. Bili Tejerina de Prado.

Aos noivos os mais cordiais parabens de "CULTURA".



### *Associação dos ex-alunos do Colégio Valenciano São José*

Por ocasião das festas jubilares do Colégio Valenciano São José, foi, por um grupo dos seus ex-alunos, fundada uma Associação, cuja finalidade principal é uma festa anual de confraternização.

De início, foram escolhidos como organizadores os seguintes ex-alunos: Lelio Amaral, presidente e José Wilson de Andrade Avila, Secretário-Tesoureiro.

Oportunamente, serão remetidas a todos os ex-alunos as deliberações tomadas e a comissão solicita de todos o máximo de colaboração.

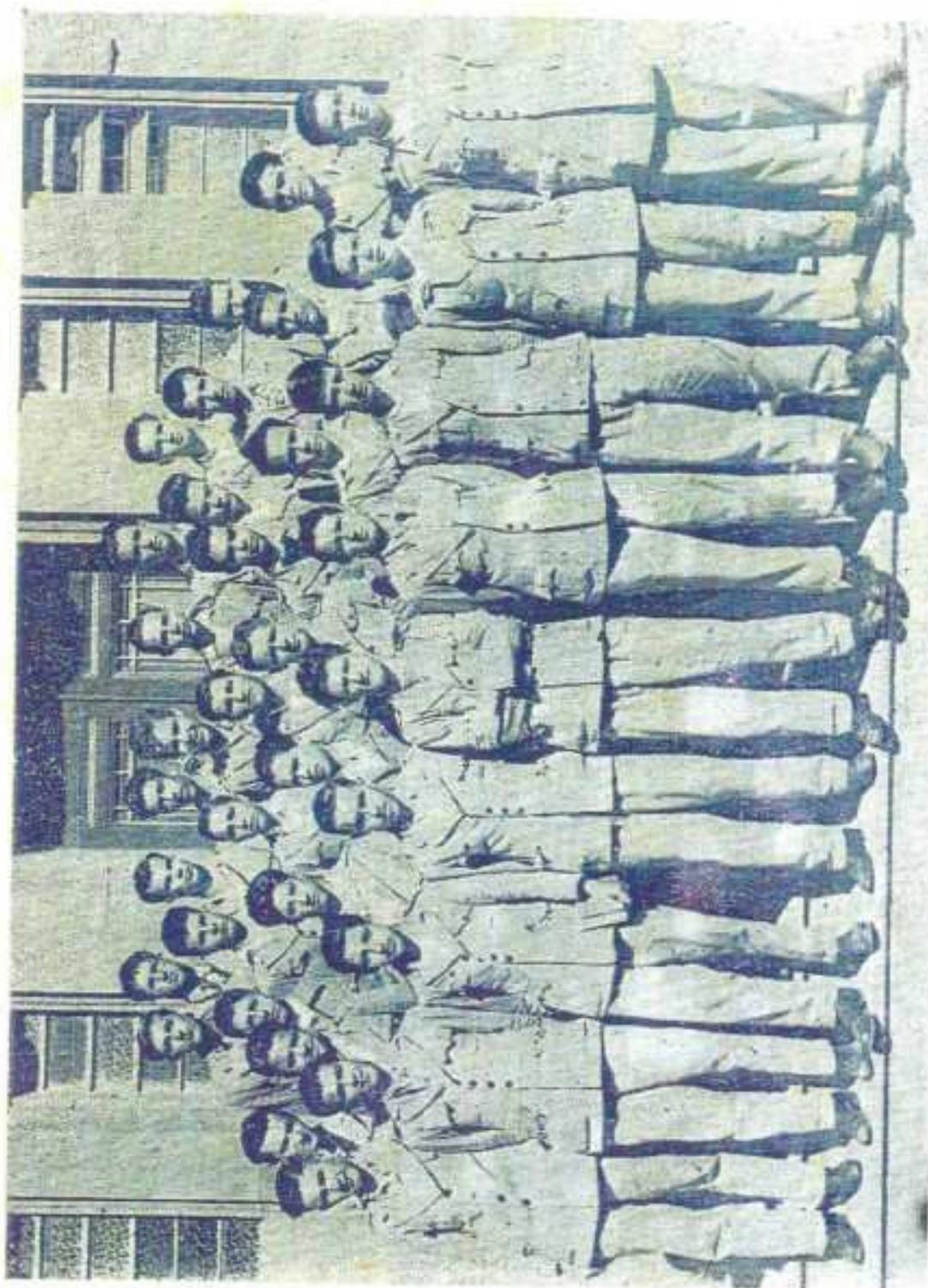
### Balancete

|                               |                   |
|-------------------------------|-------------------|
| Recebido de 77 contribuições  | 7.700,00          |
| Pago:                         |                   |
| Obelisco a D. André           | 1.600,00          |
| Carro a Barra do Pirai        | 200,00            |
| Impressos e selos             | 600,00            |
| Auxílio a um aluno pobre      | 3.000,00          |
| Numero especial de Cultura    | 1.000,00          |
| Saldo transferido para a Ass. | 1.300,00          |
|                               | <hr/>             |
|                               | 7.700,00 7.700,00 |

José Wilson de Andrade Avila  
Tesoureiro 11-61952

NOTA — As fotografias publicadas neste numero foram gentilmente cedidas pelo FOTO CARNEIRO

4.<sup>a</sup> S É R I E



A L U N O S D A



MISSA CAMPAL NOS JARDINS DO COLÉGIO